

## **O EXAME: Um Estudo sobre a FUVEST**

Aluno: Breno Isaac Benedykt  
Programa: PIBIC - CNPq e PIC FEUSPsem bolsa  
Orientadora: Flávia Inês Schilling

**Resumo:** Por intermédio de leituras realizadas - principalmente em busca de uma maior compreensão dos estudos realizados por Foucault - e de levantamentos de dados, procurei fazer um estudo sobre a FUVEST, o exame para ingresso na Universidade de São Paulo, percebido como o momento máximo do poder disciplinar, o da inversão da visibilidade que permite um jogo de classificações, inclusões e exclusões. Para consolidar esse estudo percorri as seguintes etapas: recuperar, por meio de uma pesquisa histórica, como surgiu a FUVEST, e quais foram as suas principais mudanças ao longo da sua história; verificar como é feita a seleção dos conteúdos que naquele momento se quer que os alunos aceitem, sendo que estes estão em constante renovação; verificar também como as instituições de preparação – os cursinhos - fazem parte deste processo, transformando-o em um momento ritual na vida de seus alunos, auxiliando na produção da disciplina necessária para vencer no exame, assim como legitimando os conteúdos; e por último, como estes alunos de cursinho, submetidos ao Exame, verificam em si formas de resistências, estratégias de sobrevivência e impactos sobre o corpo.

**Palavras chaves:** FUVEST – FOUCAULT - EXAME

*“Há um otimismo que consiste em dizer; de todo modo, isso não pode ser melhor. Meu otimismo consiste mais em dizer: tantas coisas podem ser mudadas, frágeis como são, ligadas a mais contingências do que a necessidades, a mais arbitrariedades do que a evidências...”*

*(Michel Foucault, “Então, é importante pensar?”)*

## **1. Apresentação**

### **1.1. Minha relação com o tema**

Para iniciar o exercício de escrever decidi introduzir a minha experiência com o tema, relato fundamental em qualquer área do conhecimento para situar o leitor sobre a relação do autor com o seu trabalho e qualificar a relação sujeito-objeto da pesquisa.

Farei, assim, o relato da história da FUVEST, começando por minha relação com esse momento, com esse exame, com essa prova.

Quando ingressei no ensino médio, após um longo período de instabilidade escolar, o exame da FUVEST apareceu como utensílio disciplinador de forma quase instantânea e quase naturalizada pela maior parte dos meus professores. Esta prova aparecia como constituinte da formação dos seus alunos, mesmo para aqueles que não tivessem como parte dos seus objetivos o ingresso à Universidade de São Paulo.

Para um aluno que pertence a um colégio de classe média na cidade de São Paulo, parecia não haver muitas escolhas a não ser encarar em algum momento a prova de ingresso à Universidade de São Paulo, e era essa a situação.

Mas nem todos caminharam para esse dia sem resistências.

Presenciei algumas resistências, tanto do lado de alguns professores que insistiam em não misturar a legitimidade da sua autoridade com o exame vestibular, ou que procuravam, com uma dura luta, não cair nas exigências que surgiam dos próprios alunos para misturar em suas avaliações e matérias conteúdos e questões da FUVEST.

Alguns exemplos me vêm a tona, como do lado de certos alunos que prometiam não se submeterem ao exame, valorizando mais as aulas sem relação – pelo menos direta – com o vestibular do que aquelas cujos professores utilizavam o símbolo “aluno USP” para conduzirem de maneira explícita os desejos de seus alunos, dando maior status de inteligência e

coragem aos que enfrentariam à prova da FUVEST, e, sobretudo, aos que a superassem com sucesso.

Mas por todas as partes as resistências iam-se enfraquecendo conforme o final do ensino médio se aproximava. Assim, no final do terceiro ano do colegial a esmagadora maioria prestou o exame da FUVEST, uma pequena parcela passou e uma parte significativa, que ainda não tinha se decidido sobre o que fazer, escolheu por se matricular em instituições particulares de cursinho pré-vestibular.

Eu, que havia resistido até o momento em me submeter ao exame da FUVEST, ao receber o diploma de conclusão do ensino médio, já quase sem escolhas, sem saber o que realmente desejava fazer e vendo que minhas ilusões de liberdade ficavam cada vez mais próximas a virar poeira, acabei por ir estudar em uma instituição particular de cursinho pré-vestibular com o objetivo primeiro de prestar o exame para o curso de “Áudio – Visual”, o que, após algumas mutações e passagens da vida, transformou-se na decisão de prestar para “Ciências Sociais”, para só no ano seguinte culminar em uma decisão quase entusiástica de escolher como curso o de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Essas escolas, cursos pré-universitários, tão disciplinares, ainda que não sejam muito diferentes da escola têm suas importantes diferenças, têm um objetivo explícito e claro: fazer com que um número maior de seus alunos obtenha sucesso no exame da FUVEST, estimulando o desejo de seus alunos de entrar na Universidade de São Paulo.

Essa foi uma conclusão que retirei observando o próprio curso e os discursos de meus professores no interior dessas instituições: quanto maior o número de alunos que ingressarem na USP, mais verdadeira é a evidência de que a qualidade do produto que fabricam é boa e, assim melhor seria o custo benefício de seus clientes – pais e alunos. Produtos modelados pelos saberes e a disciplina que a FUVEST inventa, apresenta e exige.

Dentro do cursinho criei, por meio de muitas coisas - coisas que ainda tenho que descobrir e pesquisar –, uma relação intensa com a FUVEST,

sobretudo conforme ia “envelhecendo”. E foi no cursinho pré-vestibular que encontrei pessoas, histórias, confissões e situações que me levaram a iniciar questionamentos mais intensos sobre os poderes atribuídos pela e para FUVEST, ao mesmo tempo em que passava por situação similar às que me eram reveladas. Todo um corpo estava sendo reacomodado e ele reagia.

Todos saíam à procura de auxílio. Médicos, psicólogos, nutricionistas, etc. Devido a: rompimento de laços amorosos, tensões familiares, auto-agressões, desmaios, dislexias, gastrites, vulnerabilidade patológica, abuso de drogas, engordamento, emagrecimento, tentativa de suicídio, etc.

Depois de entrar na USP e ter passado pelo ritual duas vezes, uma delas sem sucesso, me afastei destas questões por um tempo. Mas elas nunca desapareceram por completo, voltando esporadicamente por motivos variados. Até que, no início do ano de 2009, a FUVEST se fixou de maneira definitiva como um problema a ser questionado e pesquisado, graças à oportunidade que a minha orientadora Flávia Inês Schilling me deu; passei a desenvolver um projeto que tivesse como objetivo revelar algumas estratégias e mecanismos da FUVEST.

## **2. O Objeto / A FUVEST:**

Para a realização da minha pesquisa utilizei como fonte geral dois livros que contam a história da instituição FUVEST<sup>1</sup>, o seu site – [www.fuvest.br](http://www.fuvest.br) – e os dados enviados pelo funcionário da instituição, Sr. Renan, a quem agradeço com toda sinceridade pela sua ajuda e disposição - cujos dados enviados estão anexados e comentados no final deste relatório. Ressalto que os dois livros datam de 2007 e correspondem a duas pesquisas financiadas pela Fundação Universitária para Vestibular, ambas realizadas no sentido de festejar o aniversário de 30 anos da fundação. Um livro é de porte menor, menos informativo e mais acessível – 30 anos de FUVEST -, e o outro – FUVEST 30 anos - é mais trabalhado, com mais conteúdo e detalhes, mas os dois tratam de contar uma mesma história desses passados 30 anos da FUVEST.

A FUVEST, Fundação Universitária para o Vestibular, foi criada no dia 20 de abril de 1976, mas antes desse dia todo um cenário que justificaria a sua criação vinha se consolidando.

As reformas de ensino que foram iniciadas em 1966; o rápido crescimento do número de inscritos no vestibular da Universidade de São Paulo durante toda a década de sessenta; a obrigatoriedade de preencher todas as vagas a partir de 1970; o fim da autonomia dos institutos de criar as suas provas de ingresso em 1971; mas, principalmente, a crescente disparidade entre o crescimento das vagas oferecidas pela USP e o crescimento do número de candidatos concorrendo a cada uma de suas vagas, constituíam as partes desse cenário que justificou e legitimou a criação da instituição FUVEST.

Esses acontecimentos explicaram, sobretudo, a importância da sua criação para a USP, mas também serviram para explicar a sua importância para a Unicamp e para a UNESP – Universidades Estaduais que durante os primeiros anos da Fundação tinham seus processos de seleção unidos ao da

---

1 MOTOYAMA, Shozo; NAGAMINI, Marilda. *FUVEST 30 Anos*. São Paulo: Edusp. 2007.

SAMARA, Eni de Mesquita. *30 anos de FUVEST: a história do vestibular da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Edusp. 2007.

USP, mas que, devido a discordâncias foram se desligando, primeiro a UNESP em 1980, depois a Unicamp em 1986.

### 2.1. Situando as mudanças

A FUVEST, fundação de direito privado e sem fins lucrativos, conta que surgiu como resposta às reformas educacionais que se iniciaram em 66, quando o país estava sob o governo ditatorial do general Humberto de Alencar Castelo Branco. Assim, a partir da FUVEST, a USP poderia comunicar às redes escolares do estado quais eram os conhecimentos que considerava aceitáveis, retratar o perfil de estudantes que deseja e qual era o retrato de si que a Universidade queria transmitir.

Se encontrando num lugar de embate com o MEC e as diretrizes políticas da época, o que chama mais atenção, nesse ponto que deu força à sua criação, se passa no que se poderia fazer com o exame, uma vez que a preocupação dos docentes era a de assegurar a qualidade do aluno USP e assim o da Universidade.

Com o general Geisel no poder desde 1974 os Decretos-Leis voltados para o ensino superior passaram a ser sentidos pelos docentes da USP como ameaças à sua excelência. Tais decretos proibiam a diminuição das vagas nos cursos superiores, somente em caso de mandato direto do Conselho Federal da Educação seria permitida a diminuição do número de vagas de um curso superior. Isso significava uma diminuição da autonomia das Universidades, e, ao mesmo tempo estimulava-se a criação e o aumento do número de cursos superiores particulares - que passaram a ser abertos de forma frenética por todo o Estado.

Além disso, o processo de unificação dos exames e a proibição do critério eliminatório nas provas de vestibular, também pareciam favorecer as Universidades particulares.

Naqueles anos de ditadura, provavelmente os piores anos da ditadura, a Universidade de São Paulo vivia um enorme silêncio. Os movimentos de reforma de bases e universitária foram reduzidos a nada, apenas o

enquadramento da Universidade ao regime militar era possível. Os integrantes da Universidade que não estavam alinhados, os chamados de “esquerda”, se encontravam constantemente ameaçados e sem meios de expressão. A Universidade passou a ter que se preocupar primeiro com a sua autonomia, que estava comprometida desde 1964.

O Ministro da Educação e Cultura na época era o militar, Ney Aminthas de Barros Braga, e a criação da FUVEST (mesmo sendo elaborada também por participantes da "direita"), mantinham um estado embate, pois seus membros tinham uma preocupação de caráter intelectual que não seguia a rigor as exigências do MEC e os caminhos desejados pelo Ministro Militar. Podem ser destacados como os dois principais embates, os que ocorreram em torno do que os programas das disciplinas iriam exigir nas suas provas, e do que significava o critério eliminatório e classificatório.

No interior das discussões que se davam na Universidade logo após os Decretos-Lei, e até mesmo um pouco antes destes, professores diziam ver emergir um novo perfil de aluno, que era de perfil com insuficientes conhecimentos gerais, e foi, sobretudo, esse tipo de discurso que fomentou a defesa pela criação da FUVEST na Universidade de São Paulo.

Para que os objetivos desse novo exame de seleção fossem fiéis aos objetivos da Universidade, a FUVEST nasce da USP e convoca seus professores para elaboração da sua primeira prova e a sua Câmara da Graduação para compor o seu primeiro Conselho Curador.

Os dois principais objetivos da USP com a criação e a utilização da FUVEST permanecem os mesmos em seus discursos: tentar garantir a conservação de uma imagem de excelência e influenciar, em forma de resistência, as diretrizes do Ensino Médio no Estado de São Paulo.

Outro ponto que de força ao surgimento da FUVEST é de caráter populacional. Pois, nota-se uma inversão durante a década de sessenta no cenário de ingresso à USP.



Enquanto nos anos cinquenta sobravam vagas na USP, nos anos sessenta passaram a faltar vagas e a sobrar cada vez mais alunos. Ao longo dos anos cinquenta o número de alunos que concorriam às vagas oferecidas pela USP não alcançava o número de vagas oferecidas pelos seus cursos, e quando havia o alcance, era comum que um número inferior de alunos conseguisse atingir a nota eliminatória.

Já durante os anos sessenta ocorreu um grande aumento da população paulistana, assim como a de estudantes no ensino secundário, e esses aumentos atingiram a concorrência por uma vaga na USP. O número de candidatos passou a ultrapassar o número de vagas oferecidas, e também o número de candidatos que alcançavam a nota eliminatória passou a ser maior do que o número de vagas oferecidas<sup>2</sup>.

Com esse cenário, no começo dos anos ditos de chumbo, decretou-se a obrigatoriedade do preenchimento de todas as vagas oferecidas pela Universidade de São Paulo, e, foi também, dentro dessas reformas, que se iniciou o processo de unificação dos sistemas seletivos, agora classificatórios.

## 2.2. As novas formas

Durante parte dos anos sessenta e durante os anos setenta, até o ano de 1976, muitas mudanças aconteceram com o vestibular da Universidade de São Paulo.

Nesse período, que exigia adaptação às novas realidades e demandas sociais, a USP passou por um processo gradual de unificação dos seus vestibulares e dos seus institutos. Seus exames vestibulares passaram por uma série de mudanças como: inclusão e exclusão de matérias, inclusão e exclusão de línguas estrangeiras, modificações de formatos: fim das provas orais, adaptações das dissertações e dos testes – as chamadas “cruzadinhas”, que já estavam sendo utilizadas em São Paulo desde 1954, na Escola Paulista de Medicina, e que foram uma adaptação do formato “Arm Test” Norte-

---

<sup>2</sup> Essa relação candidatos/vagas sempre foi muito variável conforme o curso oferecido, por isso deve-se ressaltar que ainda existiam cursos onde sobravam vagas, inclusive no final dos anos sessenta

Americano – “prova de inteligência a que eram submetidos os soldados americanos da Segunda Guerra, onde se avaliava quais deles tinham condições de subir na hierarquia militar”.<sup>3</sup>

O tema das redações, dissertações e testes, foi bastante discutido durante a época de criação da FUVEST. Professores de diferentes áreas acreditavam na diferença da qualidade de seleção que um exame teste e uma dissertação poderiam proporcionar. Por isso, a FUVEST acabou por optar um processo seletivo que realizaria exames tanto de múltipla escolha, como dissertativo.

O objetivo das mudanças e a aplicação desses exames sempre se deram sob o pretexto de que é possível conseguir a melhor forma de qualificação e classificação das capacidades intelectuais dos candidatos a serem alunos da USP.

Mas tantas mudanças, para tantos candidatos, provocaram um aumento da impessoalidade no exame e, concomitantemente, da desconfiança com relação ao aluno candidato. Temendo as fraudes surgiram novas estruturas dos seus tempos, espaços e formas de vigilância. A última mudança com relação ao sistema de vigilância se deu a partir da popularização dos aparelhos celulares, com sua proibição no momento da prova.

As mudanças seguem acontecendo com as provas de vestibular da USP, e seus objetivos aparecem como variados e quase nunca explícitos, mas essas mudanças parecem ter deixado o caráter de abrupta como anos da fundação da FUVEST.

### 2.3. A FUVEST em 1977

Em 1977, quando a FUVEST aplicou a sua primeira prova, essa já estava dividida em duas fases. Uma primeira-fase com testes de múltipla escolha e uma segunda-fase dissertativa, ou analítico-expositiva.

---

<sup>3</sup> LESER. W. “A criação da FUVEST acabou com o exame”. Jornal da USP, São Paulo, 22 jun. 1992, p. 3 – 14.

A primeira fase contou com 120 questões que estavam divididas segundo as disciplinas que deveriam ser ensinadas no Ensino Médio, mas, no caso da língua estrangeira, se permitia que o aluno escolhesse entre o Inglês e o Francês. A segunda fase constava de perguntas de Português, Literatura Brasileira e Redação, no primeiro dia; Química e Biologia, no segundo; Estudos Sociais e Língua Estrangeira, no terceiro; e Matemática e Física, no último.

A prova ainda não tinha uma lista de livros obrigatórios, essa obrigatoriedade só passou a ser exigida em 1988, um ano depois do vestibular da Unicamp passar a exigir uma lista de livros.

Naquele ano o horário da prova estava marcado para as oito horas da manhã, mas já no ano seguinte, devido aos problemas de chuva e alagamento que ocorreram nos dias da segunda fase, as provas passaram para o horário vespertino.

A relação candidato/vaga para a segunda fase era como a relação que temos hoje, de três candidatos por vaga. Assim, a nota de corte era estipulada a partir da verificação da nota do último colocado dentro esta relação, e se houvesse empate, todos aqueles que tivessem alcançado a nota de corte<sup>4</sup> estavam classificados para a segunda fase.

A partir daquele ano a FUVEST passou a contratar todo um corpo auxiliar hierárquico, composto hoje por: supervisores, coordenadores gerais, coordenadores, fiscais, auxiliares e sub-servidores. Além contar com apoio da CET, da Polícia Civil e de um corpo Médico.

A FUVEST, sempre tentando estar em dia com as tecnologias, passou a utilizar já naquele seu primeiro ano computadores para a correção das suas provas de primeira fase.

---

4 A nota de corte é estabelecida através da menor pontuação que se obteve dentro da relação de três candidatos por vaga, o que leva a classificar para a segunda fase apenas aqueles que alcançaram uma nota igual ou superior a do último colocado dentro desta relação candidato vaga.

Em seu primeiro ano de prova a FUVEST trabalhou com 4.516 pessoas, sendo que o número de candidatos foi de 92.461 e as vagas oferecidas não passaram de 8.218.

Com esse número a FUVEST demarcou o número máximo e mínimo de alunos que poderiam estar em cada sala onde se realizariam as provas, os prédios onde se realizariam as provas (pertencentes apenas à Universidade), e junto à prova foi inventado um questionário para o levantamento do perfil dos candidatos – questionário que tem sido cada vez mais elaborado. Todos os passos foram detalhadamente descritos: horário de entrada, horário de leitura das instruções, de entrega das provas, do início da prova e do seu fim.

Ao longo dos anos, tanto o sistema de fiscalização, como o de ordenação dos candidatos foram aprimorados. Houve mudanças no número de fiscais em sala, nos corredores, nos prédios; no número de alunos por sala de aula, por andar, por prédio.

Nesse ano também já se realizaram as provas de aptidão, mesmo indo contra as exigências do MEC, para o curso de Arquitetura da FAU e para os cursos de Artes Plásticas, Música e Educação Artística Média da ECA.

As questões com o sigilo da prova também foram modificadas ao longo dos anos, mas não muito. Naquele ano apenas uma pessoa conhecia a prova antes dela ir para a imprensa no dia anterior ao da prova, as questões eram gravadas em fitas, um número maior de questões - do que os da prova - eram elaboradas e o recorte das questões selecionadas cabia a apenas uma pessoa.

As pessoas que elaboravam as perguntas pertenciam à própria Universidade de São Paulo, assim como os corretores das provas dissertativas.

Desde 1977 os exames elaborados pela FUVEST passaram a ser cada vez mais encoberto pela imprensa, se tornando o “evento midiático” amplamente noticiado, com cadernos de jornais voltados especificamente para as suas provas, que conhecemos hoje.

As resistências que surgiram por parte dos candidatos e seus familiares ocorreram já neste primeiro ano logo após os resultados dos exames, como se

podia esperar, tanto da primeira fase como da segunda. Muitos alunos chegaram a processar a FUVEST, e seus motivos nem sempre eram os mesmos. Inclusive, ocorrer uma manifestação que reuniu pais, mães e filhos, para somar forças contra essa nova forma de seleção, contra esse novo exame, que se impunha em 77.

O posicionamento da imprensa também não foi homogêneo, por exemplo: o jornal Folha de São Paulo se posicionou contra o novo vestibular, enquanto o Estado de São Paulo se posicionou a favor.

Mas a essa altura, em nome de uma conduta ética que envolvia resistir às ameaçadoras políticas que poderiam danificar a qualidade da Universidade, a FUVEST já tinha forças suficientes para vencer aquelas resistências.

Mesmo por que, após ser aprovada por unanimidade pelo Conselho Universitário, não era possível voltar atrás, pelo menos não naquele momento.

Assim, o modelo estava consolidado. A primeira prova tinha sido realizada e a FUVEST passou a ser a instituição que se encarregava de: pensar, organizar, administrar e verificar tudo o que era necessário para realização do ritual do exame, buscando sempre o máximo de exatidão em seus procedimentos. Todas as tarefas necessárias e exigidas para desencadear o vestibular de ingresso à Universidade de São Paulo, tanto antes, como durante e depois das provas, estaria a cargo da FUVEST. Seu trabalho terminaria todos os anos quando as listas fossem divulgadas: a partir deste momento a responsabilidade passava a ser a USP.

A partir daquele ano a FUVEST passou a estimular pesquisas em torno das suas provas. Pesquisas sempre em torno de: comparar modelos de provas, visualizar possíveis mudanças, identificar o valor das redações, problematizar as questões tradicionais correlacionando-as com as questões “subjetivas”, analisar o desempenho dos alunos em cada uma das matérias e das questões, e principalmente, em saber quais as características dos candidatos e dos ingressantes.

#### 2.4. Como funciona a organização

No ano 1990, a FUVEST decidiu fazer uma re-estruturação dos seus cargos e, em 1997, aumentou de sete para oito o número de membros em seu Conselho Curador. Uma parte destes cargos destina-se apenas para docentes da USP e outra parte, destina-se, para um grupo que se legitima pela confiança que a instituição deposita neles; assim como pela forte fidelidade que têm com a FUVEST, pois são pessoas que trabalham para ela há anos.

Cria-se, deste modo, uma rede baseada na confiança de relações sólidas.

A eleição do candidato à presidência é realizada pelo próprio Conselho. E a gestão do presidente pode durar de dois a quatro anos – caso sege reeleito -, assim como a do seu vice-presidente.

Para realizar todas as suas funções a FUVEST foi, com o passar do tempo, exigindo e conquistando um patrimônio privado. Na década de 90, após obter seu próprio centro de processamentos de dados e registro, a FUVEST, com o argumento de que com um número cada vez mais explosivo de candidatos (em decorrência da massificação do ensino secundário no Estado de São Paulo), ela uma necessitava maior autonomia, conseguiu conquistar, em 1998, um prédio novo na entrada do portão 1 da USP, cuja aprovação para ser construído tinha sido conquistada já no ano de 1992 com um valor de 820 mil reais.

A exigência de prestar contas surgiu no ano de 1993, como decorrência do seu crescimento, da sua fama e do seu, cada vez maior, patrimônio.

Em decorrência do alto preço das inscrições, pressões populares começaram a surgir na década de 90, envolvendo vários movimentos e pessoas reconhecidas, que passaram a lutar cada vez mais por diretos e justiça social. A pressão cresceu a tal nível que, no início do ano de 2000, as inscrições com isenção de taxas começaram a ser abertas, primeiro para um número bem reduzido de pessoas, mas estes números cresceram ao longo do novo milênio e, hoje, já chegam a sobrar vagas com isenção de taxa.

Desde que conquistou o seu novo prédio a FUVEST cresceu mais rapidamente. Conquistou independência e se tecnologizou cada vez mais. No ano de 2004 passou a imprimir as suas próprias provas que até então eram impressas na Imprensa Oficial e, em 2005, passou a não precisar mais de serviços externos.

Após todas essas conquistas a Fundação passou a ter a obrigatoriedade de realizar cada vez mais doações, e a repassar cada vez mais verbas para a USP, como exigência da reitoria e do novo estatuto que rege as Fundações ligadas à Universidade de São Paulo.

### 2.5. Mais mudanças em suas provas

O formato da prova é decidido oficialmente pelo Conselho de Graduação (CoG) da Universidade. A última mudança ocorreu no ano de 2009, mas, ao longo da sua história, a FUVEST teve de se adequar a diferentes formatos de provas decididos pelo Conselho de Graduação (CoG) como mais válidos para aquele momento.

Sob as suas decisões, novas mudanças nunca deixaram de ocorrer. Em 1978 o horário de início de suas provas passou para a 13h00, o número de questões de tipo teste diminuiu para 100 questões: 15 para cada disciplina, mais dez para língua estrangeira (que agora podia ser escolhida entre as opções de Inglês, Francês ou Alemão). As provas de segunda fase se mantiveram iguais: cada uma com 20 questões mais a redação. E o curso de Ed. Física passou a exigir prova de aptidão.

No ano de 1979 a primeira fase passou por outra mudança. O número de questões na prova de múltipla escolha passou de 100 para 96 – 12 questões para cada disciplina, inclusive para língua estrangeira. Além desta, outra mudança foi computada, a disciplina de Estudos Sociais foi dividida em Geografia e História.

Em 1980 ocorreram mudanças importantes. Para a prova da primeira fase as questões de língua estrangeira foram retiradas, enquanto que o número de questões de Comunicação e Expressão (Língua Portuguesa) passou de 12

para 24. Com isso as questões de Língua Estrangeira ficavam apenas para a segunda fase, e agora o Italiano também era uma opção.

Outra mudança que marcou o ano de 80 foi a invenção da nota mínima para a classificação final: os alunos deviam obter nota igual ou maior que três nas provas de segunda-fase que correspondessem ao seu curso (Matemática para Exatas e Tecnologias, Biologia para Ciências Biológicas, Comunicação e Expressão para Humanas), e zerar uma prova virou critério de eliminação.

Em 81, ocorreu apenas uma mudança em suas exigências. A disciplina de Comunicação e Expressão passou a contar com Literatura Portuguesa no seu programa.

No ano de 83, a mudança ocorreu com a prova de aptidão do curso de Música, que passou a ser realizada antes da primeira fase.

Em 1984 e 1985 o vestibular não mudou seu formato, nem os seus critérios de eliminação.

O ano de 86 se distingue dos anos que o antecederam. Este ano ficou marcado como ano de despedida da Unicamp - que se separou da FUVEST e criou a Comvest. A convocação para a segunda fase passou da proporção de três candidatos/vaga para dois e meio, diminuindo assim o número de candidatos na segunda fase, causando um desfalque na convocação final, que foi gravemente sentida, por conta da nota mínima exigida para segunda-fase, de três pontos. Por causa desse desfalque a FUVEST teve que organizar um novo vestibular destinado a ocupar o número de vagas que não tinham sido preenchidas através do seu primeiro exame.

Segundo disse um integrante da FUVEST: “aconteceu por falta de candidatos aptos”<sup>5</sup>.

Nesse ano criou-se o Conselho de Reitores das Universidades Estaduais do Estado, e o CRUESP passou a desenvolver um novo plano, com

---

5 MOTOYAMA, Shozo; NAGAMINI, Marilda. *FUVEST 30 Anos*. São Paulo: Edusp. 2007, pág. 545.



novos objetivos. Essas duas novas mudanças passaram a ter implicações nas mudanças referentes ao vestibular da FUVEST.

Em 1987 a FUVEST mudou o seu critério eliminatório. Instituiu-se um critério eliminatório dessa vez na primeira fase. A exigência foi a nota mínima nas questões de múltipla escolha, e a segunda fase, dividida em três tipos, com um valor específico para o tipo de carreira, Ciências Exatas, Biológicas e Humanidades, apenas com a prova de Comunicação e Expressão valendo o mesmo para todos os cursos.

Para as carreiras de Ciências Exatas a pontuação inventada foi de 12 pontos nas provas de Matemática, Física e Química, e de 8 para as provas de Geografia, História, Língua estrangeira e Biologia. Em Ciências Biológicas ficou, 12 pontos para Química, Biologia e Física, e 8 para cada prova restante. Já para as carreiras de Humanidades ficou valendo, 12 para Língua Estrangeira, História e Geografia, e 8 pontos as outras. Por último, foi suprimida a eliminação do candidato que obtivesse nota igual a zero em qualquer uma das matérias que estivessem valendo 8 pontos para o seu curso.

Em 1988, o exame da FUVEST contou com outro tipo de mudança. A prova de aptidão para o curso de Música passou a ser realizada após a primeira fase, e a prova de Português da segunda fase passou a ter um valor de peso 2, sendo dividida em 3: Gramática e Literatura, valendo 1/3, e Redação, 2/3. Além disso, conforme o curso, as provas de diferentes disciplinas já não só valiam apenas 8 ou 12 pontos, conforme a carreira, como também passaram a ter peso 2 as provas que valiam 12 pontos e peso 1 as que tivessem valendo 8 pontos.

Uma novidade passou a ser utilizada no processo de ocupação das vagas. As vagas remanescentes e o sistema de re-opção. Estes dividiam os candidatos interessados em quatro grupos conforme os cursos preferidos, evitando a sobra de vagas que tinha ocorrido no ano anterior. Mas mesmo assim houve sobra de vagas em alguns cursos.

O ano de 1989, foi o da abertura política, do fim da ditadura militar; o ano da Constituição da Federativa do Brasil de 1988, e um ano de mudanças nos

programas da USP. Mudanças que atingiram diretamente os candidatos que disputaram uma vaga na USP, e possivelmente, o sistema educacional paulistano. A prova de Biologia passou a acrescentar no seu programa qualidade de vida e saúde, biotecnologia e crescimento populacional. Além disso, seguindo os passos da Comvest, a FUVEST passa a indicar obras de Literatura Portuguesa e Brasileira.

Em 1990 as mudanças foram mais tímidas. A FUVEST, além de mexer novamente na prova de aptidão de Música, exigindo nota mínima de 3 para música na primeira-fase, diminuiu o seu número de questões de 96 para 80, e a concorrência na segunda-fase passou de 2,5 C/V, para 4 C/V. Também a Redação passou a ter nota mínima, 3 para a não eliminação.

Nesse ano de 1990, assim como em 1986, a FUVEST teve que realizar um segundo vestibular para ocupar as vagas que sobraram, mas desta vez parecem não ter ocorrido comentários como no ano de 1986.

O ano de 1991 foi marcado por mudanças nos programas das disciplinas, que já vinham sendo mudados desde 1988. Química passa a valorizar também os conceitos de experimentação e de história da ciência, Biologia passa a se preocupar em avaliar a compreensão dos seus conceitos e a importância da suas pesquisas para os problemas da espécie humana e para a manutenção do equilíbrio ambiental. Próximo a essa questão sócio-ambiental, o programa de Geografia também passa a enfatizar a questão ambiental.

Com relação às provas, a da primeira fase sofreu mais uma alteração: de 80 questões a prova passou a contar com 90 questões, e a da segunda fase a abolição a eliminação por média igual a 3,0 pontos. E por último, a prova de Língua Estrangeira passou a ser oferecida em dois níveis, que variavam segundo a carreira.

Passado dois anos, a prova de 93 sofreu pequenas mudanças. Somente duas pequenas, uma voltada ao peso de certas provas em relação à carreira escolhida, e outra mais importante, com o programa de História, que passou a

valorizar a capacidade de abstração e compreensão dos conceitos gerais dos seus estudos.

1994 já foi um ano com mais mudanças. A FUVEST criou para os candidatos que ainda não haviam concluído o Ensino Médio, a opção de treineiro, aproximando ainda mais o seu exame do Ensino Médio, dividindo as opções de carreira em três: Humanas, Exatas e Biológicas. O critério para a convocação da segunda fase foi outra mudança, pois a Redação deixou de ter caráter eliminatório e o seu sistema de correção passou a ser realizado por duas pessoas sem ligação e, em caso de divergência, a redação seria encaminhada a um terceiro corretor.

Esse método de correção da Redação é mantido até os dias atuais.

Também os programas de História e Geografia sofreram pequenas mudanças naquele ano.

Em 1995, a FUVEST decidiu realizar uma radical mudança no formato e da organização do seu exame. Um novo formato que exigia uma disciplina muito mais rigorosa dos seus candidatos. A primeira fase passou a ser dividida em dois dias, cada dia com 80 questões testes. A língua estrangeira passou a ser única a partir daquele ano, o Inglês, e agora estava de volta na primeira fase.

Dentro dessas mudanças, também foi realizada a mudança na fiscalização, para a contenção de fraudes. As provas passaram a ser compostas por ordens de questões diferentes. Cinco tipos de provas, cinco ordens diferentes, cada uma com uma cor diferente.

A convocação para a segunda fase também teve um novo critério estipulado através da nota de corte, que seria o da nota obtida pelo último candidato convocado para a segunda fase. Método utilizado até os dias de hoje.

A prova da segunda fase também sofreu grandes mudanças. Agora a prova do primeiro dia contaria com 10 questões dissertativas de Língua Portuguesa e a Redação, dia obrigatório a todos os candidatos, com 4 horas de

duração. Os outros dias contariam com provas diferentes, uma matéria conforme o curso desejado. Cada prova com 10 questões dissertativas e com 3 horas de duração. E para a convocação estavam valendo tanto os pontos da primeira fase como os de cada prova da segunda fase.

1996 foi um ano sem mudanças. Mas foi o ano em que as provas passaram a ser inteiramente processadas no Centro de Processamento de Dados da FUVEST.

Em 1997 só mudou a caracterização das provas da primeira fase, que passaram das cores para as letras e a estipulação 40 acertos, ou mais, para a não eliminação na primeira fase.

A FUVEST passou a contar com o Disque-FUVEST e com [www.fuvest.br](http://www.fuvest.br), na passagem de 1997 para 1998.

O ano de 1998 foi o ano em que a FUVEST inaugurou a sua sede e modificou o seu estatuto. Esses dois fatores implicaram mudanças tanto na organização da instituição, quanto em seus exames.

1999 foi um ano sem mudanças. Mas a abertura do novo milênio foi marcada com a criação da Isenção de Taxa de Inscrição, concedida a 5 mil candidatos, segundo o critério da classificação na prova do ENEM. Apenas aos 5 mil primeiros lugares no exame do ENEM seria concedida a Isenção. E a sua nota passou a ser somada na pontuação da primeira fase da FUVEST, valendo até 1/5 da pontuação.

No ano de 2001 o exame do ENEM passa a ter um valor maior nas provas da FUVEST para os candidatos que desejassem utilizar a sua nota, e a concessão da Isenção de Taxa aumentou de 5 mil para 10 mil candidatos. Um aumento conquistado através das lutas desencadeadas por movimentos sociais e pelos cursinhos alternativos (populares). Também o critério para obtenção da isenção mudou, já não estava ligada à nota do ENEM, mas à carência econômica do candidato egresso da rede pública de ensino.

Em 2002 a FUVEST decidiu realizar uma nova reforma nos programas das suas disciplinas. Desta vez em todas as disciplinas, tanto para a primeira

fase, como para a segunda fase. Matemática passou a salientar o prático na primeira fase e o específico na segunda. Física, a busca pela compreensão das suas relações e os efeitos ambientais do uso de energia nuclear. Química, a preocupação com a demonstração dos fenômenos da química com as suas produções com o meio ambiente. Biologia, o Projeto Genoma, e suas implicações éticas, ecológicas e ambientais. Português, a capacidade de leitura, compreensão e interpretação crítica de diferentes textos. Redação, o tema e desenvolvimento; estrutura e expressão. História, a compreensão do seu conceito e da sua história, seus pontos interpretativos e suas relações de poder. Geografia, os pontos de espaço mundial, os conflitos e as desigualdades sociais, assim como os dados populacionais e econômicos. Inglês, a capacidade de compreensão de textos.

Em 2003, amplia-se a Isenção de Taxa para 15 mil alunos egressos de escolas públicas e cria-se a Isenção para internos da FEBEM, para presidiários, índios, quilombolas e deficientes físicos. A prova da primeira fase deixou de ser realizada em dois dias, passando a ser um único dia com 100 questões de múltipla escolha, com cinco horas de duração. E a nota mínima permitida para a classificação para a segunda-fase passa a ser de 25 pontos.

Além dessas mudanças, os programas sofreram novamente alterações. Biologia acrescentou a biologia celular e os conceitos de continuidade da vida na terra e a sua diversidade. História incluiu o tópico de pré-história e origens do homem americano. Matemática, o domínio da linguagem matemática e a sua aplicação. Português incluiu a distinção entre conotação e denotação, significação explícita e implícita, e variedades do português. Geografia passou a substituir a cartografia por representações do espaço geográfico e o uso das novas tecnologias. Também sofreram algumas mudanças as provas específicas dos cursos oferecidos pela ECA.

Em 2004 a prova não mudou, mas foi criado o Grupo de Trabalho sobre Inclusão Social, que devia atingir também a FUVEST, como instituição que realiza o processo de seleção de ingresso à USP.

O ano de 2005 foi o ano em que a FUVEST aumentou significativamente o número oferecido de Isenções de taxa par matrícula. Chegou a oferecer 60 mil isenções para alunos oriundos de escola pública, residentes no Estado de São Paulo e de baixa renda, e concedendo a Isenção a todo candidato portador de deficiência que solicitasse a isenção.

Em 2006 a FUVEST foi capaz de conceder 65 mil isenções da taxa, segundo os mesmo critérios que os anos anteriores. Em suas provas ocorreu uma mudança de organização, as disciplinas deixaram de ser separadas, e passaram a ser organizadas sem separação. Com o objetivo de iniciar um tratamento do conhecimento com interdisciplinaridade, o aluno passou a ser quem detectaria a separação entre as matérias da primeira fase da prova, identificando pela própria questão de que disciplina ela era. Visava-se com isso avaliar se o aluno era capaz de realizar as pontes entre a teoria e a prática.

2007, ano do trigésimo aniversário da FUVEST. A sua prova mudou novamente, seguindo essa recente perspectiva interdisciplinar, de intertextualidade e contextualização. A FUVEST criou o conjunto de questões interdisciplinares, com questões que misturaram as ferramentas de mais de uma disciplina. Sua lista de livros foi unificada à lista de livros da Unicamp, pela primeira vez.

Fixando assim um novo modelo de prova com 90 questões de múltipla escolha na primeira fase, sem separação de matérias e com 10 questões interdisciplinares.

A nota do ENEM passou a valer como classificatória para a segunda fase e também para a contagem final de pontos. E o calculo de 4 C/V para a segunda-fase voltou a ser o de 3 C/V. Foram convocados para a segunda fase os candidatos que tivessem a melhor colocação até o três vezes o número de vagas oferecidas em cada curso, sendo a nota do pior colocado classificado, a nota de corte.

Também, a partir deste ano, o programa de Inclusão Social na USP (Inclusp) passou a valer. O seu projeto de Inclusão trabalha com o aumento da nota do candidato concorrente que provém de escola pública – municipal,

estadual, ou federal. O aumento da nota é igual a 3% da nota obtida pelo aluno, tanto na primeira fase, quanto na segunda fase.

O ano de 2008 foi um ano sem mudanças. Diferente de 2009, onde a prova não mudou, mas o programa PASUSP passou a ser implementado. Este programa de avaliação seriada da Universidade de São Paulo tem o objetivo de aumentar ainda mais as notas dos alunos provindos de escolar pública, e o de aproximar ainda mais a seu exame e os seus saberes do Ensino Médio, sobretudo de Ensino Médio em escolas públicas. Se somando ao projeto de Inclusão, Inklus, o PASUSP pode, dependendo do desempenho do aluno em sua prova, aumentar mais 3% a nota do candidato. Essa ajuda seria somada à do Inklus, possibilitando ao candidato de escola pública um aumento de até 6% da sua nota.

#### 2.6. A última mudança – 2010

Para este ano de 2010 a FUVEST decidiu mudar novamente.

Reafirmando os valores do desenvolvimento das competências que a sua prova exige, esta deveria sofrer mais uma grande mudança, a qual teria em vista a seleção de alunos com um perfil desejado e com isso fomentar a elevação da qualidade do Ensino Médio visando à formação de um cidadão em um contexto democrático.

Seguindo esse critério a USP/FUVEST definiu o perfil do novo aluno que deseja: esse aluno deve saber se expressar com clareza e desenvoltura. Deve também ter a capacidade de reconhecer informações e se posicionar de forma crítica diante delas, além de conseguir organizá-las e fundamentar hipóteses. Suas críticas também devem estar inseridas no contexto social em que vivem, para que possam mostrar que também têm as competências de propor soluções para os problemas sociais e culturais que vivemos. E, ao final, que demonstre habilidades para o curso que pretende cursar.

Mantendo a mesma prova de primeira fase como filtro, e as mesmas ideias vindas desde 2007, que contem preocupações com a

interdisciplinaridade e contextualização, pelo que parece a FUVEST apenas decidiu ampliar o caráter da primeira fase como filtro. Pois, desta vez, a prova de múltipla escolha deixou de valer para a classificação final, passando a ser uma prova eliminatória para a segunda fase.

Essa mudança foi apresentada como uma mudança visando a Inclusão Social, e anti-cursinho. Segundo seu ponto de vista, isso causaria uma diminuição da vantagem dos candidatos que fizeram cursinho pré-vestibular particular.

A outra mudança desta nova prova foi na segunda fase. Esta passou a ser constituída de três dias de provas dissertativas. Haveria um dia para Português e Redação, um dia para as outras 6 matérias. Esses dois primeiros dias contariam com exames destinados a todos os alunos candidatos classificados para a segunda-fase, independente do curso desejado. Esses dias seriam marcados pela passagem do chamado, "*lower order skills*", ou seja, recordação de conteúdos, que caracteriza a primeira fase, para o, "*higher order skills*", habilidade de aplicar o conhecimento em novas situações ou de avaliar e sintetizar informações. E o terceiro e último dia da segunda-fase contaria com questões dissertativas voltadas especificamente para o curso pretendido. Parecida com a do ano anterior, mudariam somente o número de provas das matérias escolhidas pelo curso, pois, as duas (ou três) disciplinas estariam em uma mesma prova.

Tais mudanças foram marcadas por um discurso claro e objetivo, que não se diferencia do que marca a FUVEST desde a sua fundação. Atribui primeiramente a importância de sinalizar para o Ensino Médio a relevância da formação completa dos seus estudantes, depois, o valor da interdisciplinaridade, e a importância de se construir um sistema de seleção dos candidatos com maior visão de mundo, além da lembrada otimização das provas de segunda-fase.

O quadro abaixo mostra claramente como foi estrutura desse novo modelo de exame, cada dia com quatro horas de duração:



Dia da Prova	Questões da prova
1º dia	LP (10 questões) + Redação
2º dia	M/Q/F/B/H/G/I (18 questões)
3º dia	10 questões de 2 (ou 3) matérias (5 de cada) escolhidas entre M/Q/F/B/H/G

O programa da FUVEST 2010 fecha com a seguinte argumentação que justificaria as mudanças e esclareceria os seus objetivos. *“Trata-se, portanto, de transmitir ao Ensino Médio o perfil do ingressante almejado pela USP para que, num futuro próximo, essa sinalização possa se traduzir no ingresso de alunos com a qualificação e postura pretendidas pela Universidade. Assim, a função da USP como universidade pública fica plenamente assegurada.”*<sup>6</sup>

Seguindo esse raciocínio é importante ressaltar que este programa, diferente dos objetivos iniciais da criação da FUVEST, tem também como objetivo se aproximar da LDB, que tem, assim como a FUVEST, buscado valorizar os conteúdos interdisciplinares e contextualizados.

---

6 GT VESTIBULAR, *Proposta para o novo formato de vestibular*, 2009.

### **3. O que se noticia e o que se pesquisa**

#### **3.1. O que aparece na internet**

Entre agosto de 2009 e fevereiro de 2010 foi realizado um levantamento do que mais se noticia nos meios de comunicação virtual, isto é, na internet, e o que mais se pesquisa, nas Universidades brasileiras, em torno do tema, FUVEST e vestibular.

Pesquisando o que se noticia na rede, antes, durante e depois da prova da FUVEST, pode-se notar que os temas não são tão variados e que a prova não é problematizada assim como nenhum dos seus conteúdos. Não são, também, questionados os seus mecanismos, os seus critérios ou o seu significado nacional, assim como as questões sociais que estão em torno da FUVEST e as suas atuais mudanças não foram, em noticia alguma, trabalhada de forma crítica. Percebe-se, portanto, uma atitude geral pouco critica, sem debate, sem questionamentos, como se a legitimidade do exame não pudesse ser colocada em questão.

O material para esta verificação da presença do vestibular da USP na mídia foi feita a partir de um recorte dado pela seleção feita pelo Google Pesquisas, todos os dias, durante um período de seis meses, usando as palavras: vestibular, FUVEST e pré-vestibulares.

As notícias são principalmente de caráter informativo. Lembra as datas, a proximidade da prova, o dia, as suas mudanças, e repassam os comunicados realizados pela FUVEST.

Em seguida podem-se encontrar matérias realizadas, sobretudo por professores de cursinhos particulares, que passam dicas, truques e cuidados para os vestibulandos. Logo atrás destas, em volume, temos as matérias realizadas pelos médicos, nutricionistas e psicólogos, que falam sobre controle da ansiedade, antes e durante a prova, sobre como deve ser a relação pai – filho quando se tem um filho vestibulando, assim como deve ser a alimentação, e como é o retrato de uma família que vivência o vestibular. Tratam,

fundamentalmente, de como seus comportamentos como são, e propõem como devem ser.

Existe outro tipo de matéria jornalística realizada por professores de cursinhos particulares, que são as que falam sobre as previsões do que vai cair no exame, seja na redação, nas questões de literatura, nas provas de qualquer matéria da segunda-fase. Há todo um “jogo de adivinhação” em curso, uma tentativa de imaginar qual será o perfil da prova, temas que poderão ser tratados, quais serão as ênfases das disciplinas. Mas de forma geral, como esse é um “jogo impossível”, tenta-se prever o que interessa à FUVEST daquele ano de forma geral. Pode-se cogitar que uma parte do prestígio dos cursinhos reside na sua capacidade de “adivinhar” o que “cairá” no exame.

Por fim, temos os testes e de novo a presença dos psicólogos, que trazem ao vestibulando uma luz sobre qual profissão deve escolher. Ou pelo menos o tipo de profissão que o sujeito deve tentar para ser mais bem sucedido no mercado.

A exceção – pelo menos parcial – a esse perfil de matérias foi uma matéria sobre o PASUSP, informando que caiu quatro vezes o número de inscritos nesse ano. Houve, também, uma matéria explicando os critérios de correção da FUVEST e duas matérias falando sobre as novas dificuldades da atual mudança da FUVEST. Uma leve crítica subjaz, nestas matérias, às mudanças acontecidas, sobre a capacidade de inclusão do exame, a justiça desse novo processo.

É importante ressaltar que foi encontrada, em quase todas as matérias, uma enorme credibilidade na qualidade do exame da FUVEST. Porém, estas também deixam claro (pois se trata de um mercado poderoso, o mercado das universidades e do ensino superior) que a FUVEST é uma das provas, e não como única a ser considerada exemplar no país. Essas últimas foram notícias que se referiam às mudanças sofridas no exame do ENEM, revelando certo temor com relação à atual mudança da prova do ENEM, que podia se transformar em uma prova como a da FUVEST. Mas a FUVEST como símbolo de qualidade, credibilidade (expectativa, ansiedade e medo, por sua

importância) estava presente em todas as matérias lidas. Onde havia alguma referência à FUVEST parecia haver uma referência ao estatuto do saber.

Muitas notícias tinham teor apenas publicitário, de direta ligação com os cursinhos particulares, e muitas outras eram matérias que contavam um caso, em geral dramático, com relação à prova. Sobretudo casos que retratavam a perda da prova por atraso causado por diferentes motivos – entre jovens moradores da cidade devido ao caos urbano - ou por descuido.

### 3.2. A FUVEST e a produção acadêmica sobre o tema

O levantamento a seguir apresentado foi realizado no site do Dedalus, da Biblioteca de Teses, do Scielo e do Google Acadêmico. As palavras utilizadas foram: FUVEST, Vestibular e Cursinho pré-vestibular.

O quadro abaixo está dividido em doze temas de pesquisas, onde se buscou enquadrar o que mais se pesquisa atualmente em torno da questão dos vestibulares, sobretudo, o da USP.

Quadro 1: pesquisas sobre vestibular/ cursinhos/ FUVEST

TEMA	QUANTIDADE
Estudos sobre Ações Afirmativas/ Cotas na Universidade	13
Estudo sobre Perfil dos estudantes: econômico e étnico	9
Estudos sobre Desempenho na Universidade: uma avaliação	5
Estudos sobre Cursinhos alternativos	2
Estudos sobre o vestibulando e os capitais culturais	1
O Vestibular e a Indústria Cultural	2
Utilidade analítica: como as provas da FUVEST podem servir para instrumento de medida	1
Estudos sobre controle psicológico: ansiedade, medo, stress, TPM, SPM, Alcoolismo, etc.	4
Análise dos discursos: dos professores em cursinhos pré-vestibulares	1

Estudos sobre a Eficiência: testes X dissertações	1
Vestibular e currículo escolar: onde e como a FUVEST atinge os currículos escolares	1
Escolha profissional e sucesso profissional: critério econômico, ou psicológico	7

A partir daí podemos notar que o que se pesquisa é em alguns casos bastante diferente do que mais se noticia. Mas, também, é possível perceber que alguns temas que se noticiam com frequência estão relacionados ao que se pesquisa academicamente, sobretudo quando se pensa nos temas relacionados ao controle psicológico. Lembrando que uma parte significativa das notícias lidas nos noticiários da internet mantinha uma relação estreita com a vida dos vestibulandos e dos seus familiares, com conselhos que eram transmitidos por possíveis especialistas com o objetivo de controlar o stress. “Como conter a ansiedade” talvez tenha sido o tema mais repetido nas matérias voltadas ao cuidado psicológico do candidato.

O grande número de pesquisas voltadas para as ações afirmativas também chama atenção. Em geral buscam verificar a eficiência destas ações, ou até mesmo, propor novas ações. Mas o mais interessante talvez seja apenas notar que parece ser esse o tema do momento. Ações afirmativas voltadas para a inclusão social e étnica.

A validade dessa análise é facilmente comprovada quando verificamos o que vem em seguida. A análise dos perfis dos estudantes do ensino superior, sócio-econômicos e étnicos. Mostrando de novo que é essa a preocupação atual, e que é isso que se têm mais procurado pesquisar. Podemos verificar que de 47 pesquisas, 22 tratavam de abordar esta temática.

#### **4. Uma primeira abordagem teórica – Foucault e o exame**

Com o objetivo de problematizar as práticas e discursos que cercam o exame vestibular realizado pela FUVEST, trabalharei com alguns conceitos apresentados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, principalmente no que se refere às suas avaliações da função da educação no interior de nossa sociedade capitalista, profundamente desigual e regida pela crença na igualdade de oportunidades; em relação a Michel Foucault, nos interessa especialmente o que diz a respeito do papel dos exames nas sociedades modernas, seus efeitos normativos e produtores de determinadas subjetividades.

Michael Foucault elabora suas hipóteses a partir de pesquisas sobre as relações poder/saber/sujeito, verificando como estas relações de poder funcionam através de dispositivos. Segundo Agamben <sup>7</sup>, um dispositivo é um “conjunto de práticas e mecanismos (ao mesmo tempo lingüísticos e não-lingüísticos, jurídicos, técnicos e militares) que tem por objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito mais ou menos imediato”. (2009, p. 35)

Ou seja, os dispositivos seriam tecnologias modernas que se desenvolveram através do uso de saberes, tendo como objetivo um efeito de governo. Todo dispositivo implica a o desenvolvimento práticas heterogêneas e múltiplas.

Foucault, (1984) ao contar a história do surgimento do exame na época moderna, localiza-o dentre os dispositivos disciplinares e destaca que sua a função política (seja o exame médico, psiquiátrico, pedagógico, sociológico, etc.) nas sociedades modernas está voltada para a possibilidade de agir sobre os corpos e mentes dos indivíduos, classificando-os em torno das noções de normal/anormal, distribuindo-os em linhas de possibilidades. Quem está dentro, quem está fora da ordem?

Para o autor, dentre os dispositivos – saber, poder – disciplinares, o exame seria aquele que está no centro. Aquele que lhe é específico. O qual,

---

<sup>7</sup> Agamben, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Chapecó: Ed. Argos, 2009.

através dos poderes e saberes que o envolvem, possibilita a extração máxima das forças e do tempo dos indivíduos. Ou seja, aquele dispositivo que tendo uma “norma” como referência estabelece medidas comparativas para a elaboração de um tipo de sujeito.

Com o interesse de deixar mais claro o que são estes dispositivos cito uma passagem de Deleuze que tenta explicitar a que se refere Foucault quando trata dos dispositivos disciplinares: “Os dispositivos – saber, poder – são como máquinas de Raymond Rousset (...), máquinas de fazer ver e de fazer falar. (...) Cada dispositivo com seu regime de luz, maneira pela qual a luz cai, se esfuma, se expande, distribuindo o visível e o invisível, fazendo nascer ou desaparecer um objeto que não existe sem ela.”<sup>8</sup>

Ou seja, dispositivos são tecnologias de produção, maquinarias, conjuntos heterogêneos de práticas (discursivas e não discursivas) que visam obter um efeito.

Para Foucault (1984) o exame se destaca dentre as outras tecnologias disciplinares, pois ele é aquele que consegue reunir em si as outras duas tecnologias do poder disciplinar. Que são: as técnicas da vigilância hierárquica - a do simples olhar, que se encarrega de criar mecanismos funcionais de vigilância ininterrupta, e as técnicas das sanções normalizadoras - as que punem e recompensam, a que marcam os desvios e permite as classificações, e assim, a produção de uma assimetria entre os sujeitos que aparentemente eram iguais.

Assim, segundo o filósofo, para obter sucesso em seus objetivos políticos e econômicos, as sociedades modernas devem disciplinar corpos e almas – incentivar certas práticas e coibir outras - e para isso o exame é, inegavelmente, fundamental. Medir, avaliar, olhar, comparar, decifrar para corrigir, melhorar.

Mas, para além de um efeito disciplinar, o exame também tem por função estabelecer verdades aos sujeitos. Sua cerimônia é altamente

---

<sup>8</sup> DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Ed. Vega – Passagens. Lisboa, 1996.

ritualizada, nela se “manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam”<sup>9</sup>, o que permite a demonstração de sua força que se marca naqueles que dele participam como uma experiência indiscutível, e assim possibilita o estabelecimento de verdades sobre si e sobre o outro.

As verdades envolvidas nos exames são de duas vias: funciona a partir de verdades (científica, seja médica, pedagógica, etc, ou seja, qual é o conjunto de saberes considerado adequado para aquela idade, para aquela doença, etc.) e coloca o candidato em relação a estas: assim, o sujeito mostra o quanto se aproxima ou se afasta daquilo que é desejável, esperado para aquela idade, para aquele organismo, para aquela situação.

Para esclarecer, cito duas passagens do autor, de dois textos diferentes, que explicam o que é, para este autor, a verdade – ou seja, o que é saber e poder em sua perspectiva.

Verdade – Saber: “A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos (...)”<sup>10</sup>

Saber – Poder: “Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura” (...). Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção”<sup>11</sup>

Agora talvez seja necessário ir além, e tentar esclarecer ainda mais a função do exame através do seu funcionamento.

---

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Disciplina. RJ: Vozes, 2008. Pág. 154.

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder, Verdade e Poder. RJ: Graal, 2009. Pág. 12.

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir; Disciplina. RJ: Vozes, 2008. Pág. 161.



Foucault, em seu livro *Vigiar e Punir*, (2008) enumera três mecanismos deste dispositivo, que elucidam o seu funcionamento, e assim permite a compreensão dos pontos de ligação entre as formações de saberes, os exercícios de poder e o estabelecimento de verdades (e seu impacto na modelagem do sujeito – adequado, saudável- estudioso).

Ou seja, as relações de poder que o dispositivo do exame faz funcionar e permite são:

1) A visibilidade do sujeito que se entrega ao exame, enquanto o poder se esconde, operando apenas pelo olhar. Eis a inversão da economia da visibilidade, pois aqui o poder não se vê, mas está ininterruptamente funcionando através de um mecanismo de objetivação dos corpos que se entregam à sua organização e observação, tornando-se legíveis e dóceis. Ou seja, o exame, através dessa inversão da economia da visibilidade, permite que a disciplina penetre no detalhe dos corpos.

2) Que a individualidade entre no campo da documentação. O exame permite o enorme acúmulo de documentação sobre os corpos e almas, com detalhes e minúcias, de onde é possível retirar e caracterizar a aptidão de cada um, situando níveis e capacidades. E, a partir disso, construir a norma (separar o normal do anormal, o desvio, o desejável e o indesejável que é preciso corrigir). Para, assim, indicar a eventual e melhor utilização de cada um dos indivíduos, numa perpétua classificação e re-classificação dos sujeitos (os que deverão ser controlados, instigados, etc., produzindo assim assimetrias entre estes). Diferenciando-os e, simultaneamente, homogeneizando-os por meio de uma classificação que forma categorias, estabelece médias e fixa normas. Elaborando e fomentando um jogo de coerções, de correções de rumo das vidas, punições.

3) Por último, o exame permite fazer de cada indivíduo um caso. Como tal, este pode ser medido, mensurado, comparado a outros, corrigido. Fazendo dessa individualidade um meio de controle e um método de sujeição. Ao comparar uma individualidade a outras, o exame também lhe dá a sua individualidade. Sugere que esta deve ser treinada ou re-treinada, ou seja, que seja forçada em

sua singularidade para obter a sua melhor produtividade. Podendo ser entendido uma “como fixação ao mesmo tempo ritual e “científica” das diferenças individuais, como justaposição de cada um à sua própria singularidade”<sup>12</sup>.

Ao final, de forma resumida, podemos dizer que, seguindo esta perspectiva “o exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber (...) (aquele que) realiza as grandes funções disciplinares de repartição e classificação, de extração máxima das forças e do tempo (...) de composição ótima das aptidões (...) (com o qual) se ritualizam aquelas disciplinas (...) para o qual a diferença individual é pertinente”<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir; Disciplina. RJ: Vozes, 2008. Pág. 160.

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir; Disciplina. RJ: Vozes, 2008. Pág. 160.

## **5. Comentário Geral sobre a FUVEST, suas mudanças, e o debate acadêmico**

Após a leitura da história do vestibular aplicado pela FUVEST, das observações sobre suas inúmeras mudanças (nunca substantivas) e, a constante repetição de suas práticas e argumentos, pretendo abrir este capítulo pensando se é o caso de continuar pensando na possibilidade de sua mudança: haveria chances de um exame da FUVEST mais justo? É disso que se trata?

Pensamos que o vestibular é um instrumento que coíbe a universalização do acesso ao ensino superior (universalização já existente em outros países do mundo) naturalizando essa falta de universalização como sendo inevitável. Funciona, assim, naturalizando a impossibilidade de acesso aberto e universal ao ensino superior, como uma ferramenta de reprodução das desigualdades sociais no interior da história das sociedades capitalistas. Haveria como mudar tais condições sem mudar a sociedade?

Dando seqüência às discussões sobre reprodução, mas partindo para outra perspectiva analítica, pretendo explicar o que se pretende produzir com um exame, e o que se exige de um exame – ou seja, seu funcionamento enquanto dispositivo disciplinar, cuja função se situa no interior da história das sociedades modernas.

### **5.1. Será possível uma FUVEST mais justa?**

No ano de 1987 o Prof. Dr. José Mário Pires Azanha escreveu um artigo intitulado: “Documento sobre o vestibular”, em que, além de formular críticas muito pertinentes sobre o vestibular da USP, apresenta uma proposta para a FUVEST.

Neste mesmo ano o Brasil estava re-estabelecendo um sistema político democrático representativo, o que significava um momento de esperança e de mudanças, com expectativas para a realização de uma primeira eleição direta para presidente - que havia sido interrompida desde 1964.

No documento, Azanha (1987) argumenta que a questão social da Universidade está ligada, sobretudo, às suas formas de acesso, e que esta seleção assegura o tipo de vida universitária e a livre investigação da verdade – os dois pilares que permitem pensar em geração de tecnologia, participação política, prestação de serviços à comunidade, estudo científico, etc.

Dando continuidade às suas críticas ao sistema de ingresso à Universidade de São Paulo, ele, em um dado momento, salienta o fato de se deve arriscar mais no que se refere às mudanças do vestibular, e diz: “Nenhuma fórmula adotada estará isenta de riscos e de dificuldades”<sup>14</sup>.

Só então, após uma convocação ao risco, o professor Azanha traz a sua proposta de mudança ao vestibular da FUVEST.

Primeiro, apresenta uma proposta de mudança na realização da segunda-fase. Os institutos teriam maior autonomia na realização da prova, podendo deixá-la a cargo da própria FUVEST, ou participar dela de forma parcial, ou, até mesmo, podendo dividir essa parte do exame com outras unidades da Universidade, ou tomar para si todo o encargo dessa parte do exame. Justifica: “O aluno selecionado pela FUVEST é uma abstração, resultado de um conjunto de posições obtidas na classificação milimétrica em cada disciplina”<sup>15</sup>. Sendo assim, tal mudança descentralizaria o tipo “aluno”, pensado de forma abstrata, podendo haver mudança na sua configuração conforme as unidades assim como o número de unidades envolvidas na realização do seu exame, e, ao mesmo tempo, tal mudança aproximaria o perfil de aluno pretendido pela unidade ao real aluno ingressante.

Segundo, propõe mudanças nos programas do vestibular. Sugere que os programas se aproximem ao máximo das diretrizes do 2º grau. Sua justificativa é irrefutável, pois nenhuma escola é capaz de desenvolver todo o programa apresentado pela FUVEST. Assim, esta função passa a ser realizada pelos

---

14 AZANHA, José Mário Pires. *Documento sobre o vestibular*. SP: R. Fac. Educação, jul/dez 1987. Pág. 122.

15 AZANHA, José Mário Pires. *Documento sobre o vestibular*. SP: R. Fac. Educação, jul/dez 1987. Pág. 124.

cursinhos pré-vestibulares, especializados em treinar alunos para solucionar questões da FUVEST, o que deslegitima, em diferentes graus, a capacidade do aluno do 2º grau sair formado com o que Bourdieu (2008) chama de “certeza de si”<sup>16</sup>. Azanha (1987), em um tom saudosista, parece nos dizer que o aluno selecionado pela FUVEST já não é intelectualmente capaz para os estudos superiores. Pois, devido à grande distância entre o programa da FUVEST e o das escolas 2º grau, pareceria haver por detrás de tais decisões uma tendência da FUVEST, de assegurar a condição de falência das escolas públicas do Estado de São Paulo. E lembra que é de responsabilidade da Universidade pública de São Paulo e, sobretudo do seu sistema seleção, não causar efeitos deletérios ao sistema educacional.

Por último, ele sugere como mudança, o fim da prova de língua estrangeira. Justificando que uma prova desse caráter só existiria para discriminar o aluno de escola pública, uma vez que todos sabem não ser possível o domínio da língua estrangeira com aulas no 1º e 2º grau, sendo esse domínio um privilégio único dos filhos da elite que estudam em escolas de línguas. Outra possibilidade sugerida é de se atribuir à FUVEST a responsabilidade de promover cursos de línguas aos alunos de escolas públicas, uma vez que, para o autor, a Universidade é o espaço onde o aluno não privilegiado pode aprender o domínio de outras línguas, sendo por isso desnecessária a prova de língua estrangeira.

Tais mudanças representariam a eliminação de um dos diversos mecanismos de legitimação das desigualdades sociais observadas por Bourdieu – discutiremos isso mais adiante.

## 5.2. A inevitável reprodução?

Tendo finalizado a elucidação de uma proposta de mudança possível, sigo com uma seqüência analítica na qual pretendo esclarecer como o pensamento de Pierre Bourdieu (2003; 1987) nos ajuda a compreender a

---

<sup>16</sup> Pierre Bourdieu, em seus estudos sobre as distinções de classe, classifica a “certeza de si” como algo correlato à certeza de deter a legitimidade de um bem cultural – material ou intelectual.

estrutura do significado do sistema de ingresso, e como suas ideias são contemporâneas ao caso da FUVEST.

A FUVEST, seguindo as idéias de Bourdieu (2003), significaria um sistema, não de seleção, mas de exclusão. O concurso seria útil para legitimar uma cultura de elite, selecionando aqueles procedentes de uma família privilegiada, onde a cultura culta estaria presente desde a menor infância. Sendo assim, a avaliação de ingresso à Universidade de São Paulo poderia ser interpretada como um recurso para legitimar a exclusão daqueles menos providos de uma família com o que Bourdieu denomina de *habitus* de classe, a qual, segundo o autor, é sistematicamente exigida pelo sistema escolar.

Para este autor, assim como para Dubet<sup>17</sup>, avaliações como as realizadas pela FUVEST devem ser vistas como uma ferramenta impiedosa para com aqueles que já são desfavorecidos em outros espaços sociais, sobretudo, quando não se criam estratégias compensatórias para esses alunos.

Neste sentido podemos pensar que as políticas de inclusão que vêm surgindo nos últimos anos podem ser de caráter positivo, o que se chama de “políticas afirmativas”, assim como a segunda e, sobretudo, a terceira mudança sugerida por Mario Pires Azanha (1987).

Entretanto, para Bourdieu, mesmo com mudanças de caráter organizacional, qualquer tipo de avaliação de promoção no ensino hierárquico caracterizaria uma violência simbólica para aqueles para os quais os elementos da cultura de elite não são familiares.

Em seus escritos sobre educação o autor destaca o papel e a força do uso e do “bom” uso da língua, da erudição, dentre os mecanismos de exclusão.

Como se sabe, um dos principais critérios da avaliação da FUVEST é o critério do uso “correto” da língua. Basta reparar em suas provas da segunda-

---

<sup>17</sup> DUBET, François. *O que é escola justa*. In: Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 123, p. 539 – 555, set/dez. 2004.

fase, na qual o bom uso de certo tipo da língua Portuguesa chega a valer mais de cinquenta por cento do valor total das provas.

Esta exigência demonstra, como aponta Azanha (1987), a enorme distância da FUVEST frente à realidade do Estado de São Paulo e do Brasil.

Uma vez que o Brasil se caracteriza como um país cujo uso da língua Portuguesa se dá, sobretudo, através da oralidade, sendo a própria alfabetização um elemento que até pouco tempo atrás poderia ser caracterizado como pertencente apenas à cultura dominante.<sup>18</sup>

Nos últimos anos, vem ocorrendo, através do estabelecimento de lutas, um aumento dos chamados cursinhos alternativos / populares. O objetivo é dar força para os jovens oriundos das camadas populares enfrentarem os alunos provindos de escolas particulares que estudam em cursinhos pré-vestibulares particulares – destinados ao treinamento daqueles que vão se submeter especificamente às provas vestibulares, principalmente a da FUVEST.

Assim, ao longo desses anos, é possível notar alguns casos de sucesso, ou seja, um leve aumento do número de alunos da Universidade de São Paulo, provindo das camadas populares.

No entanto, olhando mais atentamente, através dos estudos que Bourdieu realizou e escreveu em seu texto “Classificação, Desclassificação, Reclassificação” (2003, p. 179), pareceria estar se impondo um novo sistema de distinção de classes no interior da Universidade. Pois, o aluno que passa pelo vestibular da FUVEST através de seus estudos nos novos cursinhos alternativos / populares é possivelmente, um aluno mais velho. Além disso, estes alunos se encaminham majoritariamente para os cursos de baixo reconhecimento, como é o caso da Pedagogia, da Filosofia e da Letras<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Para pensar a atualidade de tais apontamentos, pode-se levar em conta o caso do candidato a Deputado Federal de São Paulo, Francisco Everardo Oliveira Silva, conhecido popularmente como Tiririca. Sua candidatura está sob ameaça de cassação devido a indícios do candidato de Partido Republicano ser analfabeto.

<sup>19</sup> É significativo destacar que a FUVEST não divulga as idades dos ingressantes e é apenas por isso que não se faz possível uma afirmação segura sobre a questão da idade dos alunos provenientes de

Se esses dados forem reais, aqui se configuraria um caráter de espera ao aluno provindo das classes populares. A espera pela evolução, como diria Bourdieu, pois o indivíduo que souber esperar conseguirá o que lhe foi destinado pelos seus estudos, ou seja, pelas leis inelutáveis da “evolução”.

Se efetivando, mais uma vez, um mecanismo de distinção entre àqueles que são, ou não, oriundos de uma família de elite. O que faz, ao mesmo tempo, com que fiquem menos visíveis os mecanismos de exclusão, como os postos em prática pela FUVEST. Pois, um dos possíveis efeitos de casos como esses é o de criar crenças que tomam como verdadeira a possibilidade de fazer “evoluir” o sujeito sem cultura de elite, e assim, fazer crer que através dos cursinhos alternativos é possível fazer com que estes sejam parte dos “eleitos” no interior da esfera Universitária.

Dessa forma, como o tempo de familiaridade com as práticas da cultura de elite nos cursinhos alternativos é pequeno, a relação de tais alunos com alunos provindos de famílias com um acentuado capital cultural – no interior da Universidade -, carregará inevitavelmente distinções de classe e violências simbólicas.

Por isso, o que a final poderia se atentar, é que se os cursinhos alternativos dão, junto a outras instituições e às políticas afirmativas, possibilidades concretas de ascensão social a jovens oriundos das camadas desfavorecidas, também estes reproduzem a legitimação de uma cultura dominante e, assim auxiliam no apaziguamento de lutas que objetivem mudanças mais efetivas.

Com essas observações atento a dizer que talvez os programas atuais como o Inclusp, a feira de profissões e o Pasusp, ao realizarem uma provocação para que os jovens oriundos das camadas populares se tornem desejantes da USP e que acreditem que os seus objetivos devem ser participar

---

cursinhos populares. Esta observação é destacada apenas pela própria vivência na cidade de São Paulo e na cidade Universitária.



da vida Universitária, estejam caminhando para uma adesão sem crítica ao desenvolvimento de uma crescente violência simbólica.

### 5.3. A disciplina, sua base – notas e documentos

Por último, adentrando em uma análise histórico-filosófica, apresentada pelos estudos de Michael Foucault (1984), se apresentará o funcionamento da FUVEST enquanto uma tecnologia disciplinar. Como esta se organiza em seus mecanismos mais elementares, no seio de um dispositivo.

Seguindo a análise que Foucault faz dos Exames, sua história e formas, faz-se possível localizar a FUVEST no Estado de São Paulo e no sistema de ensino da Capital, como um típico, e ao mesmo tempo, exemplar exame disciplinador.

O dia da realização do exame da FUVEST é tratado enquanto um dia ritualístico, pela mídia, pelos órgãos de segurança pública e pelo sistema de ensino do Estado de São Paulo. Sua organização é sempre destacada enquanto exemplar e alvo de poucas críticas, trazendo em sua história pouquíssimos desvios de organização – o mais grave foi registrado no ano de 1977, ano da sua primeira elaboração, com dificuldade de acesso e falta de luz em certas localidades onde estava se realizando o exame.

Quais são suas formas organizacionais?

Primeiro ocorre o momento, caracterizado como o mais importante, quando os Conselhos Centrais decidem qual será o perfil do exame. A seleção dos conteúdos e depois a escolha das questões, o grau da sua dificuldade. Após, há que se contratar o corpo hierárquico e a vigilância - diretores, fiscais, corretores, dentre outros.

Determina-se assim, ao final desses momentos, a prova, e junto a ela como se pensa objetivamente os alunos, quais são os saberes que deve portar e como deve ocorrer o exercício do exame sobre os corpos e mentes daqueles que se entregam a ele enquanto candidatos.

Neste início do processo de seletivo – que perdura por meses – é que se encontra a maior vigilância, o maior segredo, e é provável que assim seja por ser nele que se estabelece o recorte daquilo que será difundido como última verdade para os cursinhos pré-vestibulares e para muitas escolas do ensino médio em São Paulo. Logo, onde se estabelece, ano a ano, o maior campo de batalha, de saberes e poderes, antes do dia do exame.

Passando esse momento, são contratados aqueles que vão operacionalizar o exame, organizar os olhares e as funções vigilantes e punitivas. Cada qual deve estar atento ao seu lugar na hierarquia, para manter todo corpo presente disciplinado. Seus olhares devem ser destinados a cada indivíduo presente, durante toda a prova e de forma ininterrupta - mesmo que isso não seja possível, assim deve parecer.

Dentro desta hierarquia de forças, a polícia militar – maior força disciplinadora em nossa sociedade - é convocada para dar potência às outras vigilâncias, que se encontram - durante as provas - situada em cada classe, cada corredor, cada prédio e arredores.

Assim, no momento do exame (primeira fase e segunda fase) o candidato que passou meses observando os professores nas escolas e cursinhos, unicamente, ou, sobretudo, para a realização desse exame, submete-se ao jogo do exame do tipo escolar: pergunta/resposta/recompensa ou punição.

O resultado de cada dia é um documento entregue ao vigia. Sem dúvida, muito mais detalhado no caso da segunda fase.

O primeiro documento do exame é a prova de múltipla escolha, onde se obtém as médias para cada grupo. Os mínimos são dados, os incapacitados eliminados e se registra a caracterização da temida nota de corte. Impera a construção da norma, a partir da avaliação de desempenho de cada sujeito, que é estabelecida a partir desses sujeitos e do número de vagas.

### 5.3.1. Da nota de corte à segunda-fase

É possível pensar a nota de corte como aquela que delimita a fronteira entre os alunos que estão dentro da norma USP dos que estão fora desta, dos incluídos e dos excluídos, dos aptos e dos não aptos, dos que detêm e dos que não conseguiram deter os saberes e a disciplina exigida para se ser um aluno USP.

A nota de corte da primeira fase é determinante para que a concorrência – a escolha pelo perfil almejado - fique mais estreita, para que as diferenças mais gritantes sejam eliminadas, para que se forcem as comparações entre os candidatos mais classificados e para que se intensifique a produção da singularidade de cada candidato.

Sendo claro, aquele candidato que passou para a próxima fase, ou seja, aquele que mostrou estar dentro da norma do seu grupo, é o que está entre um mínimo criado (a nota de corte) e um máximo imposto.

Para situar a nota de corte, faz-se necessário contar sua curta história.

Com a documentação entregue na primeira fase a FUVEST, desde a sua origem, tratou de trabalhar com as “ciências” das estatísticas e das médias, a partir de inúmeros estudos desses documentos. Seus profissionais têm acesso às minúcias e detalhes de seus candidatos. Por isso, se olharmos mais atentamente a sua história, notamos que já em 1981 a FUVEST criou uma nova forma de caracterização dos alunos convocados, criando a nota mínima para a segunda fase. Nota que impunha a cada concorrente um mínimo de pontos para o curso desejado.

A invenção da nota de corte pode ser entendida como um acontecimento de nova ordem no curso dos processos seletivos para a Universidade de São Paulo, pois a partir da nota de corte foi possível criar uma sub-caracterização do sujeito USP.

Obrigando a uma nova forma de comparação entre os candidatos, a nota de corte determina uma nova criação, a qual parte da comparação e hierarquização das notas, dando uma aptidão mínima para cada candidato se

qualificar enquanto sujeito pertencente a uma singularidade – seu curso almejado. Ou seja, com a nota de corte se estabelece, a partir da comparação das notas, a qualificação daqueles que supostamente terão um melhor rendimento, uma melhor produção, naquilo a que a sua singularidade exige. É o movimento de produção da norma, que se refaz constantemente ano a ano, partir da análise dos perfis dos candidatos.

Talvez seja pertinente perguntar se a imposição da nota de corte em 81 não caracteriza o início um processo contínuo de criação mecanismos para comparação e criação de singularidades dentre os candidatos da FUVEST.

No entanto, deve-se lembrar que a sua base permanece basicamente a mesma, sendo assim de longa data, como contado no início do trabalho, a partir dos resultados obtidos no exame do teste realizado em 1954 no exército americano.

É a partir desses documentos se originaram os primeiros critérios de classificação da FUVEST. Ou seja, que se criou e estabeleceu a sua primeira categoria de exclusão: a primeira fase de múltipla escolha.

Na segunda fase os critérios para a elaboração do exame vão ser mais minuciosos e detalhistas, pois aqui é a escrita que se torna alvo de análise. Com um sistema de análise dos métodos da documentação, as provas escritas servem para revelar as aptidões, nela se situam níveis e capacidades segundo normas que se modificam ano a ano. Ao fim desta, se obtêm a classificação dos que pertencem, ou, não, ao recorte: o desenho específico do perfil do aluno da USP segundo o curso correspondente.

### 5.3.2. Os documentos e seus usos

Deve-se lembrar que a documentação obtida através das provas da FUVEST é diversa e não serve apenas para os saberes destinados à elaboração das provas. É utilizada em diferentes campos do saber, dentre elas se destacam as psicologias, as pedagogias, e as sociologias.

Também se deve lembrar que junto a cada prova se obtém a documentação sócio-econômica de cada aluno - mais um objeto de saber - ,

mas é importante destacar que esta, diferente das outras, é a parte que se torna pública, que ultrapassa o campo da academia, podendo ser acessada através do site da FUVEST por todos, enquanto que as outras ficam restritas aos gestores da Fundação, e alguns membros da Universidade.

Assim temos, todos os anos, a fabricação inicial das individualidades celulares, orgânicas, genéticas e combinatórias, a partir do exame da FUVEST. A Universidade de São Paulo, no ano de 2010, exemplificou o sujeito ingressante como uma muda (um broto) de uma futura árvore, como se pôde ver no cartaz que estava localizado em frente a Portão 1 da Cidade Universitária. Uma metáfora que parece dizer: são todos da mesma espécie, mas para cada muda tem-se uma diferença individual que deve ser cultivada.

A FUVEST, pelo o que podemos ver com as análises de Bourdieu, “reprime”, “distingue”, “reproduz”, “abstrai”, “mascara” e “exclui”, mas, com as ferramentas foucaultianas podemos ver que, principalmente, produz: realidades, rituais, campos de objetos, verdades e individualidades. Possibilitando um método de controle, a partir da produção de um determinado tipo de sujeito sujeitado.<sup>20</sup>

Dentro do Estado de São Paulo a FUVEST caracterizou uma mudança no que se refere à produção do sujeito disciplinado. Com a sua criação o método classificatório se instituiu e fixou, assim como foi possível realizar um novo método de controle dos sujeitos ingressantes, com uma nova forma de domínio sobre os mesmos e sobre os outros candidatos.

Azanha (1987, p.123) destaca que, com o aumento gradual do número de estudantes concorrendo às vagas da USP em decorrência da popularização do de 2º grau no Estado, esta passou a exigir cada vez mais disciplina. Ele diz: “Em face da massa crescente de candidatos ao ingresso nos seus cursos e na

---

<sup>20</sup> É claro que essa relação de sujeição nunca é completa, daí fazermos referência em alguns momentos ao “jogo”, que, segundo Foucault, nunca comporta uma relação completa de dominação/sujeição, havendo múltiplas resistências.

total impossibilidade de absorvê-los, a Universidade, numa reação legítima e defensável, disciplinou com severidade os exames vestibulares”<sup>21</sup>.

É esta uma reação legítima, defensável, ou caberia lutar pela universalização do acesso ao ensino superior, seguindo o exemplo de tantos países (inclusive vizinhos)?

---

21 AZANHA, José Mário Pires. *Documento sobre o vestibular*. R. Fac. Educação, jul/dez 1987. Pág. 123.

## **6. Os Questionários e a análise dos resultados: o que nos dizem os jovens sujeitos.**

Para a realização de um estudo qualitativo sobre o processo de disciplinamento dos alunos frente ao exame da FUVEST, elaboramos um questionário (em anexo) que foi enviado por e-mail para 15 alunos de cursinhos particulares dentro da região metropolitana da capital de São Paulo.

O método utilizado foi o da “bola de neve”, ou seja, a partir de conhecidos, solicitamos que encaminhassem o questionário a alguns amigo/as que estivessem vivendo a situação de vestibulandos. Os questionários foram enviados no mês anterior à realização da primeira fase do exame. Obtivemos apenas seis questionários respondidos, sendo que dois deles, o Q1 e o Q6, foram respondidos fora do prazo pretendido, o que justifica certas disparidades entre a questão e a resposta, sobretudo no caso da questão quatro: “Como se sente frente à proximidade do exame da FUVEST?”, pois foram respondidos após a realização do exame. Esse é um dado interessante, que pode indicar novos rumos para a aplicação dos questionários, pois é visível a dificuldade em falar sobre o tema devido à tensão que cerca o momento de realização do exame.

Os entrevistados estão sendo identificados como Q1, Q2, Q3, Q4, Q5 e Q6, para preservar as suas identidades.

Dos seis participantes, quatro são de sexo feminino e dois de sexo masculino. As suas idades variaram entre 18 e 20 anos. Todos estavam matriculados em cursinhos particulares da região metropolitana da capital de São Paulo.

Metade dos participantes já tinha participado uma vez do exame da FUVEST, e a outra metade duas vezes. Logo, todos já haviam passado pelo ritual de ingresso à Universidade de São Paulo e fracassado pelo menos uma vez.

Três dos entrevistados revelaram certas particularidades que devem ser mencionadas. Q1 ainda não tinha obtido o certificado de conclusão do ensino médio, e pretendia obter o seu certificado através do novo Enem – chamo atenção para esse novo exame unificado, nacional, que deve trazer novos mecanismos de disciplinamento e enquadramento para populações antes não

atingidas pelo evento. Q2, enquanto estudava no cursinho para ingressar na USP, já estava realizando matérias na faculdade de Relações Internacionais da PUC, onde estava matriculado como aluno da graduação. E Q3 trabalha no cursinho Anglo, o mesmo em que estuda, e recebe como salário a sua bolsa de estudos nesta instituição. Há, assim, como primeiro elemento a ser considerado. A grande heterogeneidade entre os perfis dos vestibulandos, situações muito diversas, que podem e devem ser apreendidas na pesquisa de cunho qualitativo. Verifica-se, mesmo nesse pequeno grupo pesquisado, que se há um elemento unificador – ou seja, todos estão fazendo cursinho pré-vestibular particular – há diferentes posições e estratégias em jogo, há diferenças importantes nas formas de lidar com a situação.

*Quadro 2: perfil geral dos pesquisados*

Sexo	Idade	Ano de formação	Cursinho Matriculado	Área de Estudos	N de vezes que prestou FUVEST	Curso pretendido	
F	19	2009*	Anglo	Humanas	Uma	Letras	Q 1
M	18	2008	Objetivo	Biológicas	Duas	Direito	Q 2
F	20	2007	Anglo	Humanas	Uma	História	Q 3
F	19	2007	Anglo	Humanas	Duas	Artes Plásticas	Q 4
F	18	2008	Anglo	Humanas	Duas	Direito	Q 5
M	18	2008	Etapa	Biológicas	Uma	Medicina	Q 6

Ainda não se formou, pretende obter o certificado de conclusão através do Enem 2009.

*Quadro 3: A escolha dos cursos*

*Justificativas da escolha do curso pretendido (É o curso que prefere? Como foi a escolha?)*

- A escolha se deu de forma espontânea e pessoal, sem nenhum tipo de incentivo da escola, família.



O curso de letras condiz com meus sentimentos quanto a fazer uma universidade. (Q1)

- Sim. Embora tenha possibilidade e interesse em prestar para diferentes áreas (faria Ciências Sociais, Filosofia, R.I., Economia, cheguei a cogitar Física, Biologia) o Direito agrega uma gama maior de 'interesses'. (Q2)

- Sim é o curso de minha preferência e por isso o único que vou prestar.

A escolha p/ mim não foi tarefa difícil como reconheço ser para outros, desde a minha 8º série história foi a matéria que se destacou. (Q3)

- Sim, nos outros anos havia prestado audiovisual, mas mudei esse ano. (Q4)

- Sim. Escolhi esse curso pelo interesse nas matérias do curso, bem como pelas minhas aptidões e desejo de seguir essa carreira. (Q5)

- Sempre quis ser médico e embora tenha hesitado em talvez prestar para administração ou economia, percebi que a área médica era a única que desejava para meu futuro. (Q6)

Os entrevistados não revelaram diferenças entre os cursos pretendidos e desejados. Todos parecem empenhados na realização do sonho almejado. Todos responderam de forma afirmativa que o curso pretendido correspondia ao curso desejado. Mas alguns revelaram certas incertezas referentes a um período anterior à tomada efetiva da decisão do curso pretendido, este foi o caso do Q2, Q4 e Q6. Todos revelam dúvidas, mostraram que cogitaram com várias profissões possíveis, algumas bem diversas entre si, exemplificando os dilemas de uma escolha precoce do futuro profissional. Dentre eles chama a atenção o fato de que apenas o Q4 optou por um curso com uma nota de corte menor do que os outros cursos, logo menos concorrido e menos restrito, tanto no quesito sócio-econômico, como no quesito de exigência disciplinar, devido à necessidade de uma menor nota no exame. Todos, porém, revelam sua adesão à ideia de cursar uma universidade pública. Esse é um tema importante a ser explorado a seguir: as percepções sobre a universidade pública, sua importância para o desenvolvimento profissional e sua relação com status e ascensão social.

Entre os entrevistados vê-se que Q2 e Q6 optaram por cursos mais concorridos do que suas outras opções. Isso é claramente exemplificado por Q6, que relata que sua escolha por Administração ou Economia ficou para trás ao tomar a decisão única de ser formado em Medicina, mesmo com o esforço extraordinário que isso pode significar.

#### Quadro 4: porque a FUVEST e a USP?

O significado da USP (O que significa para você prestar a FUVEST e entrar na USP?)

- Entrar na Universidade de São Paulo significa alcançar, de certa forma, um grau de autonomia, status e perspectivas futuras de reconhecimento curricular. (Q1)
- Literal ou metaforicamente, 'processo'. Passar na FUVEST significa entrar no Largo São Francisco – e não necessariamente na USP. (Q2)
- Significa Muito! Oportunidade de fazer uma ótima faculdade e reconhecimento para passar adiante todo o conteúdo adquirido. Além da possibilidade de aprender outras línguas. (Q3)
- Acredito que estudar na USP tenha a ver com responsabilidade social, o fato de você ter seu ensino pago pela sociedade é um estímulo para oferecer algum retorno a ela. (Q4)
- Significa passar num dos vestibulares mais concorridos do Brasil e estudar na melhor faculdade para o meu curso. Além de toda a tradição, ainda tem a vantagem de ser pública. (Q5)
- Uma realização e retribuição do esforço de exaustivas horas de estudos que enfrentei durante todo o ano. Seria também provar para as pessoas a minha volta que possuo capacidade de entrar na profissão mais concorrida e difícil do Brasil, e em uma das melhores faculdades. (Q6)

Para falar sobre o significado de se tornar estudante da USP, utilizarei algumas análises feitas por Pierre Bourdieu em seus livros: *Economia das trocas simbólicas*, 1987, e, *Escritos de Educação*, 1998.

Através do recorte dos sujeitos entrevistados obtivemos um grupo específico que pertence, ou a uma classe média que almeja ascender em seu status social, ou a uma elite que tem como objetivo perpetuar o seu estado social.

Podemos destacar dois fatores que justificam a afirmativa de que esses entrevistados pertencem a essas classes sociais. A primeira é referente ao recorte dos cursinhos nos quais esses alunos estão matriculados. São cursos pré-vestibulares com mensalidade alta para os padrões da cidade de São Paulo, onde o salário médio está em torno de R\$818,00<sup>22</sup>, e a média da

---

22 Dados retirados do site <http://www.fomezero.gov.br/noticias/salario-medio-cresceu-22-em-cinco-anos> em Janeiro de 2010.

mensalidade dessas instituições está em torno de R\$700,00<sup>23</sup> para os cursos de um semestre ou um ano. A segunda pode ser feita de forma menos objetiva, mas com as análises de Bourdieu podemos ver em seus cursos pretendidos claras evidências de suas origens sociais.

Temos dois candidatos à carreira de Direito/FD, onde a renda familiar mensal dos ingressantes é uma das mais altas da Universidade, ou seja, mais de 20% dos ingressantes tem renda acima de vinte salários mínimos. Uma candidata ao curso de Artes Plásticas/ECA, onde a maior parte dos ingressantes - média de 18% dos alunos - tem uma renda familiar igual ou maior a sete salários mínimos. E um candidato à carreira de Medicina/FM, em que a renda familiar mensal de, em média, 18% dos inscritos e dos ingressantes, é igual ou maior a vinte salários mínimos.<sup>24</sup>

Possíveis exceções a esse perfil seriam as candidatas aos cursos de Letras e História. Uma das pesquisadas é candidata ao curso de Letras, onde tanto a renda familiar da maioria dos candidatos, como a dos ingressantes, é igual ou maior a três salários mínimos. E uma para o curso de História, onde é a renda familiar da maioria dos ingressantes e candidatos é igual ou maior a três salários mínimos.

Há, aí, um recorte de renda visivelmente diferenciado, correspondendo a carreiras que incluem candidatos com outros perfis sociais e, ao mesmo, tempo, detentoras de menor status social. Porém, essa é uma questão a ser melhor observada. Há outras variáveis, além da renda, que influenciam a escolha dos candidatos.

Observando os dados estatísticos retirados do site da FUVEST no período do vestibular de 2008 e 2009, vemos que os cursos de Letras e História, dentre os cinco almejados pelos nossos entrevistados, correspondem a candidatos e estudantes com uma renda bem inferior a dos outros cursos, mas que mesmo assim correspondem a, no mínimo, três salários mínimos, o que equivalia em 2009 a aproximadamente R\$1.300,00. Isso seria R\$500,00 a

---

<sup>23</sup> Pesquisa realizada no site do Cursinho pré-vestibular Anglo e por telefone com o Cursinho pré-vestibular Objetivo, em Janeiro de 2010.

<sup>24</sup> Dados retirados do site da FUVEST, <http://www.fuvest.br/vest2011/estat/estat.stm>. A média estabelecida foi entre os anos de 2002 e 2009.

mais do que a média de salário de São Paulo no mesmo período. Logo, podemos concluir com isso, que os alunos desses cursos da USP pertencem em sua grande maioria ou a classe média da sociedade brasileira que busca ascender através de um maior capital cultural certificado pelo diploma da Universidade de São Paulo, ou a uma elite econômica que busca manter o seu status social através de um capital cultural que corresponde ao seu estado na sociedade. Assim, diante das propostas de Bourdieu sobre a economia simbólica podemos dizer que ser aluno da USP corresponde ser alguém que pertence à elite brasileira, ou que está ascendendo a ela.

Para Bourdieu, e agora para nós também, fica claro que existe entre os cursos almejados uma hierarquia social e até mesmo de ascensão, o que fica claro no nosso caso ao se olhar as estatísticas da FUVEST em seu site. Onde, dentre os cinco cursos almejados, Medicina e Relações Internacionais, Publicidade, Design, Direito estariam no topo, Artes Plásticas no meio, e os cursos de História e Letras nos últimos lugares da hierarquia.

É interessante observar, ao mesmo tempo e para matizar essa análise e mostrar novamente a heterogeneidade de trajetórias e perspectivas dos pesquisados, que a pesquisada optante por artes plásticas é a única que chama a atenção para o fato de sua escolha ser motivada por um desejo de responsabilidade social, de poder, ao estudar na universidade pública, dar um retorno para a sociedade. Se os outros objetivos são individuais, o que problematiza a compreensão do papel social da universidade e de seu aluno.

Outra coisa que pode ser um detalhe, mas que condiz claramente com as análises de Bourdieu, é que os cursos do topo são os mais distantes de uma possível licenciatura, e que o curso de Letras, o que estaria mais em baixo nessa hierarquia, é o com um maior número de futuros professores, seguido por História e Artes Plásticas.

Levando em conta esses fatores, podemos iniciar a análise observando que existe um sistema de ensino no qual as escolhas dos candidatos às suas carreiras almejadas passam por uma vontade de ascensão da condição de classe média, ou de uma manutenção em sua condição de elite. Essa reprodução é garantida tanto pela sociedade interna da Universidade, seus alunos e professores – seu capital social -, como pelo seu conhecimento de um

certificado a partir da posse de um diploma restrito – capital cultural -, como pela sociedade externa a ela, como as possibilidades empregatícias com salários altos – capital econômico.

Desta forma podemos ver que, com a exceção do Q4 que expressa o significado de ingressar na USP sob a forma de cumprir com uma responsabilidade social, todos os outros vêm de alguma forma um significado explícito de se alcançar um status social ao ingressar na USP, e uma possibilidade de adquirir esses três capitais mencionados acima.

Agora, voltando ao olhar foucaultiano de uma sociedade que se utiliza das avaliações / exame como uma das formas de disciplinamento das populações, pode-se ver que Q6, além de ver seu ingresso na USP como uma questão de status social, vê, nesse ingresso, uma relação de recompensa à sua qualidade de sujeito disciplinado. Uma recompensa pelos seus esforços e sujeições. Sua recompensa se dá através de uma nota que o classifique como sujeito normal para a condição de estudante de Medicina da Universidade de São Paulo, e não mais como um “caso” excluído desta condição. Assim, Q6 revela que ingressar na USP e participar do seu exame não significa apenas um status social, cultural e econômico, mas que superar o ritual do exame obtendo sucesso, também, e talvez, sobretudo, significa alcançar a recompensa de se ter fabricado como um novo indivíduo, apto para a carreira.

#### *Quadro 5: e o Cursinho?*

*Avaliação sobre o Cursinho (Como avalia o cursinho para alcançar seu objetivo?)*

- Avalio-o como uma coisa relativa. O método usado muitas vezes atrapalha a dinâmica de aprendizagem da pessoa. Tentam controlar conteúdos, e os tratam muitas vezes de forma superficial. Os professores aparecem como sendo a própria FUVEST. Perpetuando formas de ver, formas de ler e formas de se responder. Por outro lado, o cursinho na maioria dos casos, estabelece aulas contadas, tarefas contadas, provas contadas. E isso faz com que o indivíduo se sinta mais inseguro quanto aos conteúdos, já que quase sempre se está atrasado. Isso gera um sentimento de culpa terrível! (Q1)

- Extremamente competente – acadêmico e psicologicamente. Não existe a tal – e famigerada – decoreba. Um ano de cursinho amplia muito seus horizontes cultural e cientificamente. O conhecimento não é nada geral – é extremamente específico. Tente traçar um perfil de diferentes salas de diferentes cursinhos de diferentes áreas. De maneira geral, será um grupo extremamente heterogêneo. (Q2)

- Fundamental, considerando que não obtive bom aproveitamento durante o ensino médio (falta de estrutura da escola, aulas vagas e também desmotivação da minha parte). (Q3)

- Eficiente. Me sinto cada vez mais preparada para a prova. Acho que esses caras sabem o que estão fazendo, apesar do método educacional ser bastante limitado. (Q4)

- Fundamental para que eu alcance meu objetivo. Além de estar suprindo as falhas que eu tive na escola, me impõe uma rotina de estudos e disciplina, algo que nunca tive. (Q5)

- Fundamental para alguém que deseja entrar em uma faculdade como a USP. Creio que se minha escolha fosse outra área, talvez não fosse essencial o curso, porém, como quero medicina, não vejo outra possibilidade senão estudar em um cursinho. (Q6)

Contrariando as críticas mais correntes sobre o ensino dos cursinhos, há uma quase unanimidade na sua eficiência para a conquista do objetivo almejado. Pois é disso que se trata entre esses jovens, há um obstáculo (o vestibular) a ser transposto e há o objetivo claro de conseguir ajuda especializada para sua superação. Surgem, sem que se tivesse perguntado a respeito, críticas à escola convencional. Pairam, sobre as respostas, as questões que cercam o ensino médio no Brasil, as dúvidas que o cercam: para que serve o ensino médio? Qual deve ser o seu perfil? Os cursinhos são vistos, ao contrário das escolas cursadas, como objetivos, com capacidade de ensinar, como capacidade de ensinar a aprender. Disciplinam para o estudo, organizam. A exceção, dentre as respostas, foi a Q1, que considera que o excesso de conteúdos lhe causa insegurança, gerando um sentimento de culpa: culpa por não aprender, por estar em um cursinho pago e não acompanhar. Repercute, talvez, o que diz Q4: “acho que esses caras sabem o que estão fazendo”, ao se referir aos professores do cursinho.

Esses são sentimentos provocados a partir da organização das provas de classificação e dos métodos de estudo que são estabelecidos pelos cursinhos. Este é, com certeza, um elemento importante dessa pesquisa exploratória, sugerindo novos estudos sobre a dinâmica do ensino em cursinhos.

#### *Quadro 6: expectativas*

*Sentimentos frente ao Exame que se aproxima.\* (Como se sente frente à proximidade do exame da FUVEST?)*

- Me sinto com freqüente alteração de expectativa. À essa altura começam a aparecer todas as "quase-promessas" que o ingresso na USP podem trazer. (Q1)

- Fazendo uma análise mais geral, existe a ansiedade. Mas meu modo de lidar é pensar que o controle dessa ansiedade é só mais uma vantagem que posso ter em relação aos outros

candidatos. (Q2)

- Ansiosa. (Q3)

- Não vejo a hora de acabar. (Q4)

- Me sinto preparada, ainda mais agora que a 1ª fase não acumula para a segunda, é apenas eliminatória. (Q5)

- Me senti extremamente pressionado. Ficava estudando até tarde e passava o dia inteiro no cursinho. Embora o gás para estudo já tivesse acabado, tentava o máximo acumular conteúdo para obter uma boa nota. (Q6)

\*Os questionários foram enviados no início de Novembro/2009. Faltando menos de um mês para aplicação da prova da FUVEST.

Podemos notar que todos os relatos dizem da ansiedade diante da proximidade das provas. Uma ânsia por finalizar a passagem pelo exame. Ou seja, notamos que o que se sente diante da proximidade da provas da segunda-fase da FUVEST, não se refere a eles propriamente, mas à sua ligação com a realização de um futuro prometido, com as “quase-promessas”, como diz Q1. Para lidar com a realização desse futuro encontramos estratégias, como é o caso de Q2 que revela a sua tática de acirrar a submissão do seu corpo a uma autodisciplina para obter com esse controle de si uma vantagem sobre os outros candidatos, o que destaca algo curioso dentre as outras respostas – a preocupação com a rivalidade, a comparação para com os possíveis, imagináveis - pois nunca se conhece a totalidade - rivais.

A pressão destacada pelo Q6 revela a existência de algo que tenciona sobre si, como que uma força que viria do conjunto de elementos que compõe este exame para o aluno candidato. E assim, Q6 revela já não saber o que o seu corpo pode suportar, “embora o gás já tivesse acabado”, mas, ao mesmo tempo, diz que seu corpo suportou, que “tentava o máximo acumular conteúdo”. Vemos aqui dentre todas as respostas aquela que apresenta de forma mais explícita que o que está em jogo é a potência de resistir.

Assim, o que aparece com maior frequência é uma ânsia pelo futuro, um sentimento de afastamento do presente em detrimento de um possível futuro, no qual o presente deve se apresentar como o momento transitório de impor o

maior sistema de disciplina sobre o corpo e a mente, a autodisciplina e o adestramento do corpo. <sup>25</sup>

### *Quadro 7: a disciplina necessária e internalizada*

*A disciplina. (Como foi sua disciplina nesses meses?)*

- Nos últimos seis meses tentei me focar. Mas foram diversas fases e maneiras de estudar. O método Anglo de ensino acabou me fazendo se sentir culpada, relaxada, atrasada e inferiorizada frente às pessoas que "vão bem". Agora, para a segunda fase estou estudando com as próprias provas da FUVEST. (Q1)

- Incorporei a disciplina de alguém que vai prestar medicina. Tarefas das matérias todos os dias, revisão de uma ou outra coisa que deixou dúvida e, no último mês, fichamentos dos cadernos de exercícios e teoria dados até então, de modo a revisar conteúdos do início do ano. (Q2)

- Estudando e trabalhando. Tentei me organizar e conciliar tudo. (Q3)

- Razoável, mas o fato de já não ser a primeira vez que estudo para essa prova me dá uma folga. Ano passado estava mais disciplinada. (Q4)

- Tive altos e baixos quanto à disciplina. Iniciei estudando bastante, mas como nunca fui acostumada a essa rotina, logo me cansei. Retomei os estudos após as férias e novamente diminuí o ritmo. Agora com a revisão voltei a estudar mais. (Q5)

- No início do ano comecei meio vagal. Porém, após duas semanas comecei a me dedicar extremamente. Chegava às 7 e 20 e sai às 21. Nas férias de julho relaxei um pouco e não estudei nada. Retornei das férias menos disciplinado e embora estudasse todos os dias exaustivamente, não conseguia me dedicar durante o fim de semana. (Q6)

Há, por parte de todos os jovens que prestaram o seu depoimento, a percepção de uma intensa disciplinarização do tempo, do corpo, do comportamento. Se essa disciplina é passada, principalmente, pela rotina cansativa dos cursinhos, com seu acúmulo de conteúdos, há uma parte que deve ser internalizada, há um claro movimento de auto-disciplinamento. Foco, horários, exercícios, restrição a outras atividades – sociais, amorosas, distração - aparecem como imprescindíveis para a realização do objetivo. Também notamos que para esse funcionalmente é preciso uma intensificação do sentimento de competitividade, como destaca Q1. Como se existisse em cada candidato um método e ganha aquele que consegue o melhor método.

---

<sup>25</sup> LAPOUJADE, David. *O corpo que não agüenta mais*. In. *Nietzsche e Deleuze. Que pode o corpo* Org. Daniel Lins e Sylvio Gadelha. Editora. Relume Dumará – Rio de Janeiro, 2002.



Assim, faz-se notar as duas relações vivenciadas por alunos em fase de exercício para o exame. Relações que o prof. Jorge Ramos do Ó (2007) destaca como sendo a da adequação à regra a partir da relação com os outros, e de adequação a um determinado tipo de percurso.

Talvez fosse interessante explorar aqui como se estabelece para esses jovens os critérios de disciplinamento, antes e depois de vivenciar a rotina dos curtinhos. Todos adotam níveis abstratos, sem destacar como o estabelecimento destes níveis foi engendrado por eles. Por exemplo: para Q2 “muito” seria comparável a alguém que prestará para o curso de medicina, enquanto que para Q6 muito é estudar quase 12 horas por dia, entre os outros não há maior detalhamento do que seria bastante disciplinado, ou pouco disciplinado, por mais que usem esses níveis<sup>26</sup>.

Ao final, ainda nos perguntamos: qual é o custo desses altos níveis de disciplinamento / auto-disciplinamento, desenvolvidos a partir das instituições de cursinho pré-vestibular? Será preciso alunos com disciplina de estudos de 12 horas por dia aos 19 anos?

#### *Quadro 8: e o corpo?*

*O corpo. (Como tem reagido o seu corpo a essa disciplina?)*

- Alto estresse, dores na coluna, dores de cabeça, dores no corpo, sono, e às vezes sinto que desenvolvi algum tipo de dislexia. (Q1)
- Bem. (Q2)
- Cansado, agora mais ainda devido às provas. (Q3)
- Ontem surgiu minha primeira espinha em anos! (Q4)
- Fico muito cansada, mas acho que o cansaço é mais mental do que físico. (Q5)
- Durante o ano surgiram muitas espinhas em minhas costas. Também tive um rompimento de vaso sanguíneo na retina.

Essa questão tentou imaginar o custo do disciplinamento, verificar se há respostas do corpo a esse excesso de disciplina. Notamos aqui, que o corpo reage. Não podemos negar que a principal característica do disciplinamento é o domínio do corpo, o seu autocontrole, como já foi discutido anteriormente, inclusive a partir das questões sete e oito.

---

<sup>26</sup> Este pode ser um problema difícil de ser solucionado através de questionários, uma vez que não é fácil restabelecer o contato. Sobretudo, neste caso, pois os entrevistados não se mostravam dispostos a prolongar a reflexão sobre as suas vivências.

O cansaço é a principal manifestação levantada pelos entrevistados. Um corpo que não se agüenta, que precisa descansar, que parece ter sido levado ao seu limite. O sentimento de exaustão.

É curioso notar que o esquecimento do corpo se faz tão importante para o estabelecimento da disciplina que Q5 ao revelar como seu corpo se manifesta atribui o cansaço a uma questão mental e não física.

Depois do cansaço, é revelado o surgimento das espinhas, revelando tensões. Elemento facilmente notável, revelado por Q4 com entonação (!). Como algo de errado voltou a surgir, manchando a estética do corpo. Mas, para discutir essa questão seria preciso um maior aprofundamento que não será possível desenvolver aqui.

Por último, é possível notar que Q1 é o que mais revelou sentir o corpo, enquanto que Q2 nem sequer apresentou algum tipo de diferença surgida em seu corpo durante estudos. Enquanto que Q6 revelou a maior manifestação de problemas com o corpo ao contar sobre o rompimento de uma retina.

#### *Quadro 9: alguém pode ajudar?*

*Ajuda. (Recorreu a alguma ajuda? Qual?)*

- Desabafo com pessoas de confiança. Tentei dar parte do meu tempo a atividades que nada tem a ver com a FUVEST, mas que de certa forma me ajudam também para ela. E o uso de algumas drogas, como café, cigarro e maconha. (Q1)
- Recorri aos professores. O exame será individual, então é melhor depender e confiar bastante em si mesmo. (Q2)
- Não, é apenas uma fase e logo tudo estará bem. (Q3)
- Recorri a um amigo engenheiro quando tinha problemas com exercícios de física. (Q4)
- Não. (Q5)
- Sim. A dermatologista e a oftalmologista. (Q6)

Especialistas? Amigos, drogas, professores. Interessantes algumas ausências: pais, familiares. Talvez isso possa ser compreendido pelo fato das mudanças constantes no vestibular, o que faz com que mesmo que um familiar tenha “passado por isso”, não serve mais a sua experiência, pois hoje a competição é outra, é muito mais feroz e acirrada. O médico aparece mais presente. Não há menção, tampouco, da igreja, religião, simpatias e promessas – tão freqüentes nos relatos de muitos jovens e de seus familiares. Aqui, também, há um campo promissor para verificar as tentativas – naturais ou sobrenaturais – de controlar, de alguma maneira, o evento.

### *Quadro 10: as mudanças sem fim nas regras do jogo.*

*Última mudança. (O que pensa sobre a atual mudança da FUVEST?)*

- Penso que é só uma mudança para mascarar certos problemas que a instituição encontra na elaboração da seleção de pessoas. (Q1)

- Vai elitizar o vestibular já elitizado. E isso já pode ser visto pela queda em inscrições e na relação c / v de cursos que normalmente tinham uma procura muito maior. A eliminação da primeira fase como peso final é, de certa forma, positiva e tende a mudar o perfil dos ingressantes. A segunda fase será, inevitavelmente, muito mais fácil para quem teve uma formação humanista sólida. Afinal, a redação (no sentido geral, de redigir respostas) acaba sendo profundamente importante em uma prova discursiva. (Q2)

- Acredito que a FUVEST sabe bem avaliar o candidato e que essa mudança veio para melhorar (apesar do susto e preocupação que causou). Um médico, por exemplo, não deve apenas conhecer química e biologia e ele deve ir além e, portanto, é fundamental que as provas avaliem todas as matérias. As ciências devem estar interligadas! Isso trará um candidato mais "aberto" e preocupado em aprender outras coisas. (Q3)

- Imagino que as mudanças sejam todas baseadas em estatísticas. Fico com preguiça de ter de fazer uma prova escrita com todas as matérias, mas não acredito que a nova configuração da prova altere significativamente os resultados. (Q4)

- Concordo com algumas coisas. Acho certo a 1 fase ser apenas eliminatória e ter todas as disciplinas na 2 fase. Entretanto discordo do terceiro dia da 2 fase, o dia das disciplinas específicas. Acho que eles erraram em alguns cursos, como no caso do direito: adicionaram matemática, o que acho certo, mas não no modelo que deveria ser. A prova que vai ser aplicada para o curso de direito é a mesma que será aplicada para engenharia e economia por exemplo. Isso implica numa mesma prova, de um mesmo nível de dificuldade, para medir conhecimentos de cursos que lidam com a matemática e utilizam-na de formas muito variadas. A matemática para o direito deve ser apenas a parte financeira, de lógica e raciocínio. Não vejo necessidade ou até mesmo lógica de medir conceitos de geometria espacial, por exemplo, numa prova específica que está selecionando candidatos para o curso de direito. (Q5)

- A mudança da FUVEST me prejudica muito, pois acredito ser extremamente competente nos assuntos específicos de minha área. Porém acho que é uma boa forma de avaliar os estudantes e selecionar os melhores. (Q6)

Há percepções diversas da última mudança, há lados positivos, lados negativos, críticas importantes, entre elas, a de elitizar ainda mais aquilo que já era elitizado, indo na contramão da percepção do grupo da Universidade que pensou a mudança como algo que geraria mais inclusão.

### *Quadro 11: a justiça e as injustiças.*

*Justo ou Injusto? (Considera a FUVEST um exame de seleção justo ou injusto? Por quê?)*

- Injusto porque a linguagem que o exame exige, o domínio sobre a língua e a escrita (todos com a justificativa que a Universidade exige esse tipo de coisa na vida universitária) são critérios que não condizem com a realidade brasileira. (Q1)

- O justo e o injusto são profundamente relativos e não vão ter uma resposta muito satisfatória. Vamos por aqui: a FUVEST é uma prova competente, que cumpre o que se propõe a cumprir? Sim.

a FUVEST pode eliminar pessoas que seriam brilhantes na área e não se adaptam ao padrão da prova? Sim.

a FUVEST é culpada? Não necessariamente. Vejo-a muito mais como um resultado de toda a construção de nosso Ensino do que como outra coisa. E dentro de todas as limitações que ela poderia ter, ela se sai bem. (Q2)

- A questão de cotas ainda divide minha opinião. Fui aluna da rede pública e optei por esse sistema compensatório, mas acho injusta essa compensação frente a um vestibular, isso deveria ocorrer antes. No caso uma reforma na base escolar, para que todos tivessem ensino de qualidade. (Q3)

- Todo vestibular é injusto. Primeiro porque a rede pública de ensino não garante o ingresso de seus alunos, frágil que é. Depois porque ninguém deveria ser avaliado dessa forma para entrar na universidade. O vestibular é uma prova cansativa que exige muitos conhecimentos e cujo resultado sempre depende do seu estado de espírito no dia D. Mas é uma questão de se preparar. (Q4)

- Acho que a prova é muito bem feita e realmente seleciona os estudantes que melhor se prepararam. Entretanto, discordo de alguns pontos, como as cotas para escolas públicas. Acho justo existir essas cotas, mas não do jeito que é aplicado: as escolas técnicas, que muitas vezes tem nível superior a muitas escolas particulares, além de ser difícilimo de conseguir estudar lá, participam dessas cotas, o que, na minha opinião é completamente injusto. (Q5)

- Considero a FUVEST um exame de seleção extremamente justo, embora muito rigoroso. É através dele que se pode selecionar os melhores candidatos.

Com relação às cotas oferecidas, creio que estas deveriam ser utilizadas, porém somente de modo transitório. O governo deveria implementar e reformar o sistema de educação brasileiro como um todo. Como muitos já foram prejudicados por este sistema defasado, creio que as cotas deveriam vigorar até se ter uma geração que não tenha sido prejudicada durante sua formação educacional. (Q6)

Aqui entramos nas percepções do justo e do injusto em relação ao exame vestibular da FUVEST, que, em primeira leitura, relaciona-se com a percepção do seu caráter meritocrático ou não, inclusivo ou não, igualitário ou não.

Uma crítica recorrente, relacionada à reprodução da desigualdade social pela desigualdade escolar, está no fato de que mascara/ esconde a necessidade de uma mudança mais profunda na forma escolar e suas oportunidades desde o início do processo de escolarização. Não adiantaria mudar o vestibular (ao contrário do que se apregoa nas políticas públicas tanto do âmbito federal como do âmbito estadual), o vestibular não mudaria (de cima para baixo) a injustiça social/ escolar. Haveria que mudar a escolas, desde o início. Condições iguais de disputa? Como garantir essa condição igual é a questão, que percorreu a discussão teórica aqui, brevemente, apresentada. Ou

então, esse é um sistema de diferenciação/ exclusão muito competente, que assegura com sucesso a reprodução da desigualdade social via desigualdade escolar.

Propostas de compensação que levam em conta as diferenças sociais, não as tratando como elementos separados dos escolares, mas como espaços sociais que se influenciam, podem significar um avanço. Mas, deve-se ir além, pois, pensar que o sistema escolar reproduz injustiças sociais, implica saber que, para tornar-lo mais justo se faz necessário levar em conta as diferenças as origens sociais, sabendo que aqueles que já são desfavorecidos em outros âmbitos sociais, são novamente desfavorecidos ao longo de toda a trajetória escolar e que o ingresso à Universidade é apenas o resultado final. Assim, compensações como as sugeridas pelo Inclusp e Pasusp são passíveis de questionamentos, pois, defasagens desde a primeira infância, como analisa Bourdieu, não se recuperam com auxílio de pontos no exame, mas, mais provavelmente, por ações que se desenvolvam ao longo de toda a trajetória escolar, como, por exemplo, através dos cursos de língua estrangeira sugeridos por José Mário Pires Azanha<sup>27, 28</sup>.

Para finalizar faz-se preciso chamar atenção de que aqui foram esboçadas apenas algumas questões relacionadas ao exame – ao grande exame -, o vestibular da FUVEST. De que há muito a ser explorado e pesquisado, pois, na pesquisa aqui realizada, há poucas produções acadêmicas sobre o tema, que mobiliza mais de cem mil jovens e suas famílias, além de uma indústria educacional poderosa, centrada nos cursinhos pré-vestibulares.

---

<sup>27</sup> AZANHA, José Mário Pires. *Documento sobre o vestibular*. SP: R. Fac. Educação, jul/dez 1987.

<sup>28</sup> O pensamento de elaborar mecanismos de compensações foi retirado do artigo: *O que é uma escola Justa?* DUBET, François, 2004.

## **Bibliografia**

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? , e, O que é um dispositivo? In. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Santa Catarina Argos, , 2009.
- AZANHA, José Mario Pires. Documento sobre o vestibular. In. **Revista da faculdade de educação**: Universidade de São Paulo, Julho-dezembro 1987.
- BARBOSA, Livia. Meritocracia à brasileira: o que é desempenho no Brasil? In. **Revista do Serviço Público**, Brasília, 1996.
- BRETON, Le David. O Corpo no Rascunho, e, O Corpo Acessório. In. **Adeus ao Corpo**. São Paulo: Papyrus, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. Sistema de Pensamento e Sistema de Ensino, e, Reprodução Cultural e Reprodução Social. In. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Capital cultural e comunicação pedagogia. In. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. Das regras às estratégias. In. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. O Novo Capital. In. **Razões Práticas** – sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DUBET, François. “O que é uma escola justa?”. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 34, n.123, p.539-555, set/dez.2004.

- DELEUZE, Gilles. Um novo cartógrafo (Vigiar e Punir). In. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DELEUZE, Gilles. O que é um Dispositivo? In. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega – Passagens, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- FOUCAULT, Michel. O Sujeito e O Poder. In. DREYFUS, Hubert; ROBINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica; para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. Então, é importante pensar? Retirado do site: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/biblio>
- GENARO, Patrícia. **A construção de representações no discurso de cursos pré-vestibulares**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- KAFKA, Franz. **Um artista da Fome**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LESER, W. “A criação da FUVEST acabou com o exame”. *Jornal da USP*, São Paulo, 22 jun. 1992, p. 3-14.
- LAPOUJADE, David. O corpo que não agüenta mais. In. **Nietzsche e Deleuze**: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

- MOTOYAMA, Shozo, e, NAGAMINI, Marilda. **FUVEST 30 anos**. São Paulo: Edusp, 2007.
- RAMOS DO Ó, J. O Governo do aluno na Modernidade. In. **Foucault pensa a Educação**. São Paulo: Revista Educação, 2007.
- SAMARA, Eni de Mesquita. **30 anos de FUVEST: a história do vestibular da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2007.
- VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: Reflexões com base na experiência. In. **Itinerários de Pesquisa: Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

#### Sites

- Site: <http://www.fomezero.gov.br/noticias/salario-medio-cresceu-22-em-cinco-anos>
- Site: <http://www.fuvest.br>



## **ANEXOS**

### Questionário enviado:

- Sexo:

- Idade:

- Ano em que se formou no Ensino Médio:

- Nome do cursinho:

- Área:

1) Já prestou a FUVEST anteriormente? Quantas vezes?

2) Qual é a sua escolha atual de curso?

3) É o curso que prefere? Como foi a escolha?

4) O que significa para você prestar a FUVEST e entrar na USP?

5) Como avalia o cursinho para alcançar seu objetivo?

6) Como se sente frente à proximidade do exame da FUVEST?

7) Como foi sua disciplina nesses meses?

8) Como tem reagido o seu corpo a essa disciplina?

9) Recorreu a alguma ajuda? Qual?

10) O que pensa sobre a atual mudança da FUVEST?

11) Considera a FUVEST um exame de seleção justo ou injusto? Por quê?

Dados da procura dos jovens pelo ES/USP:

<i>Ano</i>	<i>Inscritos</i>	<i>Vagas</i>	<i>C/V</i>	<i>Treineiros</i>	<i>V – USP</i>
1977	92461	8218	11,2		6248
1978	113980	11628	9,8		6268
1979	124939	12218	10,2		6268
1980	127220	11968	10,6		6268
1981	125650	8308	15,1		6268
1982	132258	8028	16,4		6268
1983	123542	7748	15,9		6268
1984	115093	7888	14,5		6408
1985	114311	7918	14,4		6438
1986	94768	7918	11,9		6438
1987	104716	6733	15,5		6498
1988	95361	6927	13,7		6592
1989	94507	7307	12,9		6772
1990	99059	7957	12,4		6802
1991	116677	7886	14,7		6607
1992	109036	7876	13,8		6597
1993	109727	8176	13,4		6867
1994	140518	8401	16,7	16290	6902
1995	139369	8401	16,5	17045	6902

1996	122907	8251	14,8	17415	6872
1997	129095	8846	14,5	18187	6865
1998	138497	8518	16,2	19333	6920
1999	138311	8704	15,8	18158	7076
2000	149240	7763	19,2	18774	7175
2001	144458	7947	18,1	17251	7354
2002	146307	8256	17,7	17065	7811
2003	161147	8711	18,4	18076	8331
2004	157808	8927	17,6	14906	8547
2005	154514	9947	15,5	12720	9567
2006	170474	10247	16,6	12627	9952
2007	142656	10482	13,6	12925	10202
2008	140999	10552	13,3	13464	10302
2009	138242	10707	12,9	12535	10557